

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA

**PROJETO DE IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL
NOS PROJETOS DO AHE SERRA DO FACÃO SEFAC E LINHA DE
TRANSMISSÃO**

ROSINALDA CORRÊA DA SILVA

GOIÂNIA

2009

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA

**PROJETO DE IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL
NOS PROJETOS DO AHE SERRA DO FACÃO SEFAC E LINHA DE
TRANSMISSÃO**

ROSINALDA CORRÊA DA SILVA

Trabalho apresentado ao Curso de Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás.

Área de concentração: Arqueologia

Orientador: Paulo Jobim de Campos Mello

GOIÂNIA

2009

ROSINALDA CORRÊA DA SILVA

**PROJETO DE IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL
NOS PROJETOS DO AHE SERRA DO FACÃO SEFAC E LINHA DE
TRANSMISSÃO.**

Goiânia: ___/___/2009.

Prof. Dr. Paulo Jobim de Campos Mello – UCG

Prof^a. Dr^a. Sibeles Aparecida Viana – UCG

Prof. Dr. Benedito da Silva Rodrigues – UCG

Dedico este trabalho aos meus ancestrais mais longínquos, pela sabedoria mediada. À minha filha Adriana Natalia, agradeço pelo apoio e compreensão e aos meus pais, por existirem. Ao Stefano, agradeço por acreditar em mim e me apoiar quando pensei em desistir. Ao meu orixá, Kaó, kabieci lé.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Paulo Jobim de Campos Mello, pela orientação; por ter me norteado com sugestões e, acima de tudo, pela paciência nas muitas vezes que vacilei; e pelo apoio quando resolvi “me enveredar pelos campos arqueológicos”.

Aos professores do Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural da Universidade Católica de Goiás, agradeço pelo conhecimento partilhado. Aos colegas de curso que, com humildade, compartilharam não só conhecimento como carinho e cumplicidade.

Às empresas do AHE Serra do Facão SEFAC, e à INTESA pelo apoio financeiro para o desenvolvimento do projeto em questão. Aos meus pais pelo exemplo de vida; aos meus pais espirituais pelas orações dispensadas. Aos meus amigos, Geraldo Pimentel Antunes, por confiar em mim e estar presente quando precisei. À Cristiane Loriza Dantas - minha prima amiga - pela ajuda na execução do projeto.

Em especial, agradeço aos meus amores, minha filha e meu namorado pelo apoio, carinho e paciência dispensados a mim, nos momentos que pensei que não iria conseguir.

Por fim, a todos e aos meus orixás e guias espirituais, muito Axé.

“Na ciência como na vida, só se acha o que se procura” (Evans-Pritchard)

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
1. APRESENTAÇÃO	10
2. JUSTIFICATIVA	11
3. OBJETIVOS	26
4. REFERENCIAL TEÓRICO	27
5. METODOLOGIA	32
6. CRONOGRAMA	41
7. REFERÊNCIAS	44
8. ANEXOS	46

RESUMO

O presente projeto tem como objetivo implantar um programa de educação patrimonial em dois empreendimentos de impacto sócio-ambiental utilizando estratégias metodológicas diferentes, dado a especificidade de cada empreendimento. Trata-se do projeto da Linha de Transmissão 500kv Interligação Norte Sul 3 trecho 2 Tocantis/Goiás e o projeto do Aproveitamento Hidrelétrico na Serra do Facão-SEFAC na cidade de Catalão/GO.

Considerando que os empreendimentos em questão são empreendimentos de grande impacto sócio-ambiental, a educação patrimonial se torna necessária como uma das formas de preservação e amenização dos impactos que ocorreram nas áreas de implantação dos projetos. A educação patrimonial segundo Horta (1999), é um instrumento que tem sido útil para a preservação social e cultural. Os trabalhos de educação patrimonial são tarefas na grande maioria executadas por gestores, e podem acontecer na forma de palestras explicativas, oficinas e mini-cursos que envolvem a população da região em que são desenvolvidos projetos públicos e privados.

A aplicação das estratégias metodológicas se orientará pelas especificidades de cada empreendimento. A primeira, que será aplicada no projeto da linha de transmissão 500kv interligação Norte Sul 3 trecho 2 TO/GO acontecerá em forma de palestras explicativas seguidas de um conto de histórias. A segunda, sobre o projeto AHE Serra do Facão-SEFAC Catalão acontecerá em forma de mini-curso de 60/H com duração prevista para uma semana. A avaliação das duas metodologias será realizada de forma contínua e sistemática tendo em vista que o objetivo do projeto é implantar o programa de educação patrimonial, visando a conscientização e preservação do patrimônio arqueológico encontrado em ambos os empreendimentos..

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio Cultural; Patrimônio Arqueológico; Arqueologia; Educação Patrimonial e Educação.

ABSTRACT

The present project has as objective to implant a program of patrimonial education in two enterprises of partner-ambient impact being used different metodológicas strategies, data the especificidade of each enterprise. 500kv is about the project of the Line of Transmission Interconnection South North 3 stretch 2 Tocantis/Goiás and the project of the Hidroelectric Exploitation in the Mountain range of Machete in the city of Catalão/GO.

Considering that the enterprises in question are enterprises of great partner-ambient impact, the patrimonial education if becomes necessary as one of the forms of preservation and amenização of the impacts that had occurred in the areas of implantation of the projects. The patrimonial education according to Horta (1999), is an instrument that has been useful for the social and cultural preservation. The works of patrimonial education are tasks in the great majority executed by managers, and can happen in the form of explicativas lectures, workshops and mini-courses that involve the population of the region where public and private projects are developed. The application of the metodológicas strategies will be oriented for the especificidades of each enterprise.

The first one, that interconnection will be applied in the project of the transmission line 500kv South North 3 stretch 2 TO /GO will happen in form of followed explicativas lectures of a story of histories. Second, on project AHE Mountain range of Catalan Machete it will happen in form of mini-course of 60/H with duration foreseen for one week. The evaluation of the two methodologies will be carried through of continuous and systematic form in view of that the objective of the project is to implant the program of patrimonial education, aiming at the awareness and preservation of the archaeological patrimony found in both the enterprises.

Keywords: Cultural patrimony; Archaeological, patrimony; Archaeology; Patrimonial education and Education. .

APRESENTAÇÃO

O presente projeto tem como proposta desenvolver um programa de educação patrimonial – com ênfase no patrimônio arqueológico – nas comunidades onde serão implantados dois empreendimentos, são eles: o Projeto da Linha de Transmissão 500 KV interligação Norte Sul 3 trecho 2 Tocantins/Goiás¹ e o projeto do Aproveitamento Hidrelétrico na Serra do Facão-SEFAC cidade de Catalão/GO.

Este projeto tem por interesse epistêmico-metodológico o envolvimento da comunidade e estudantes no universo da arqueologia como uma ciência de interpretação e resgate histórico, como também a partir desde envolvimento inserí-los nos processos de pesquisa que envolve o patrimônio arqueológico e seus múltiplos desdobramentos tais como, a educação patrimonial que se apresenta como um instrumento fundamental na preservação e na compreensão da relação entre arqueologia, história local e memória.

O projeto da Linha de Transmissão será desenvolvido na Escola Estadual de Palmeirópolis-TO, com carga horária de 20h/aulas dividida em dois encontros – nesta escola estudam alunos de 5º ao 9º ano. A Proposta educacional do projeto de Aproveitamento Hidrelétrico da Serra do Facão-SEFAC será desenvolvida na semana de educação patrimonial inclui aulas que serão discursivas e com momentos práticos (oficinas), e vídeos. A primeira etapa da semana, acontecerá na cidade de Campo Alegre de Goiás com um grupo de 30 professores e ao final de cada aula, será aplicada uma questão sempre discursiva no intuito de perceber o nível de absorção dos conteúdos por parte dos alunos-professores.

1 O Projeto da Linha de Transmissão 500kv Norte Sul 3 trecho 2 TO/GO tem uma extensão de 695 km, partindo da subestação de Serra da Mesa (GO), até a de Colinas (TO). Na área que será impactada pelo empreendimento, foram encontrados, durante a prospecção, 25 sítios arqueológicos nos municípios de Minaçu, Palmeirópolis, São Salvador, Presidente Kennedy e Rio dos Bois. O resgate dos sítios, encontrados nesse projeto, foi realizado pelo IGPA - Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia – vinculado à Universidade Católica de Goiás/UCG.

1. JUSTIFICATIVA

As recentes e inelutáveis transformações que promoveram as mudanças na paisagem e a modernização do Estado de Goiás com as inúmeras obras e empreendimentos de infra-estrutura, precisam ser vir acompanhadas de políticas educacionais que, visem não o preservacionismo reacionário, mas a conscientização da importância de se mudar preservando os referenciais que dão sustentação as identidades individual e coletiva. Para tanto, é necessário que pense numa cultura de preservação que não signifique obstáculo para os avanços necessários, porém, que sirva de contraponto e garantia contra a ganância impiedosa que destrói nossa memória e patrimônio. Sem tal garantia, a dimensão do passado está ameaçada, assim como também estão entregues ao esquecimento os que vivem no presente. E sem a memória, a vida humana estaria privada de sua dimensão de maior profundidade, a recordação (ARENDR, 2007, p.131).

Historicamente, o conceito de patrimônio esteve ligado ao indivíduo por muito tempo, a origem etimológica da palavra deriva do latim *patrimonium*: propriedade herdada da família foi o que mais contribuiu e ainda contribui para essa concepção individualista (FUNARI, 2005 *apud* VIANNA, 2008). Termo polissêmico, a palavra patrimônio teve sua ligação ao indivíduo como também aos grandes monumentos, pois o patrimônio privado esta na base da formação do patrimônio coletivo, que por sua vez é resultante da formação do estado nacional.

Nos séculos XVIII e XIX o projeto político de formação dos estados nacionais consistia em restaurar uma identidade compartilhada por todos os cidadãos; “**a invenção das tradições**”. A primeira tarefa consistia em criar novos cidadãos, com a mesma cultura, mesma língua e mesma tradição; nasce então à idéia de se criar um **patrimônio nacional**. Surge então neste contexto a **ideologia nacionalista**. Ideologia essa que pressupunha modelos normativos de funcionamento da sociedade, baseada na homogeneidade sem lugar para conflitos. É nesse ambiente fértil que nasce a idéia de patrimônio cultural como o concebemos hoje. Segundo Gonçalves (*apud* VIANNA, 2008 p. 17), “ele (a noção de patrimônio), não é uma invenção estritamente moderna”. Ela está presente desde a pré-história quando certos instrumentos, vasilhames ou adornos, produzidos mediante tradições culturais

passadas, de geração em geração pela memória, tomavam uma outra dimensão além da dimensão utilitária e adquiriam um valor simbólico e social.

Neste sentido, os instrumentos e/ou artefatos, tornam-se um patrimônio cultural, em especial, na perspectiva arqueológica. Estes artefatos, para pesquisadores da arqueologia são designados “patrimônio arqueológico” (GONÇALVES, 2005, p. 17). Porém, antes de se definir patrimônio arqueológico, é preciso discorrer um pouco mais sobre patrimônio, termo/conceito do qual o patrimônio arqueológico aparece como um genitivo. O patrimônio cultural é compreendido como sendo um conjunto de todos os bens, materiais ou imateriais, que pelo seu valor próprio devem ser considerados de interesse relevante para a permanência e construção da identidade e da cultura de um povo (HORTA, 2006, p. 7). Dentre os bens patrimoniais, sobretudo, temos aqueles considerados 'imóveis' – tais como igrejas, casas, conjuntos urbanos e ainda locais dotados de interesse para a história, a arqueologia, a paleontologia e outras ciências afim. Entre os bens denominados de 'móveis' podemos incluir pinturas, esculturas, artefatos arqueológicos.

Entende-se assim, que o patrimônio cultural não é composto apenas de bens materiais, como também pelos imateriais (aqueles que são intangíveis), como a literatura, a música, o folclore, o 'modo de fazer' as coisas. É a sociedade que determina se um bem é importante, e, por conseguinte, se há necessidade de preservá-lo, sendo que esse interesse pode ser tanto local, como nacional, ou ainda universal, ou seja, de interesse para toda a humanidade. De acordo com a constituição federal brasileira, em seu artigo 216, patrimônio cultural é definido assim:

Art. 216. Constituem o patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (SANT'ANA, 1997, p. 41)

O patrimônio arqueológico, que por sua vez se encaixa na categoria material, já que é formado por vestígios de grupos étnicos já extintos. É por meio desses vestígios (que podem ser instrumentos de pedra, ossos, pinturas em cavernas – abrigos – chamadas de “pinturas rupestres”, vasilhames de cerâmica, restos de fogueiras) que o pesquisador pode ter acesso à estrutura social desses grupos. A apropriação desses objetos enquanto patrimônio vem mudando ao longo dos tempos, pois o patrimônio pode ser categorizado como um bem cultural, religioso, monetário, mercantil ou coletivo (público), relacionado à dominação de povos.

O conhecimento que esses artefatos têm a agregar a nossa história transformou-os em parte da história e memória humanas, como também em objetos de estudos de diversas ciências. Segundo Pyburn (2007, p. 25). Os antepassados responsáveis pela produção desses objetos, são considerados os responsáveis pelo mérito científico e estético do fabrico destes artefatos. Estes são ainda comumente vistos não como propriedades de uma única cultura ou dos descendentes que os a herdaram, mas como propriedade de todos os seres humanos. Nesse sentido, resta-nos perguntar de quem é a responsabilidade de se pesquisar e preservar esse patrimônio? E “para quem se deve preservar?”.

Dentre os cientistas que se dedicam ao estudo e pesquisa sobre o patrimônio está o arqueólogo e a ciência que o respalda é a arqueologia. A arqueologia, segundo Wüst e Machado (1999, p. 7), é a ciência responsável por pesquisar e interpretar o modo de vida de populações do passado, sua economia e organização social por meio dos vestígios materiais deixados por elas. Os lugares onde são encontrados esses vestígios são conhecidos como sítios arqueológicos, e eles podem estar em ambientes abertos ou em abrigos que são ambientes semi-fechados. As principais ências que o arqueólogo pode encontrar em um sítio, podem estar enterradas ou sobre a superfície. Elas são chamadas de vestígios ou artefatos, estruturas, pinturas rupestres e ecofatos (restos de alimentos, ossos, conchas, sementes, carvão). Deste modo, a arqueologia é a ciência responsável pelas pesquisas arqueológicas e o arqueólogo é o seu curador. Assim, faz-se necessário um breve enunciado sobre a história da arqueologia enquanto ciência investigativa de evidências do passado.

Há pelo menos 2,5 milhões de anos, os homens começaram a fazer instrumentos para satisfazer as suas necessidades. Um exemplo disso é o uso de uma simples pedra trabalhada para formar um gume cortante. Com o passar do tempo, esses instrumentos foram se diversificando e evoluindo, até chegarmos ao estágio atual. Por meio do estudo desses instrumentos, a maneira como foram fabricados e utilizados, juntamente com a organização espacial em que foram encontrados, podem se apontar as atividades que eram desenvolvidas em cada um desses lugares, de modo que se possa ter uma idéia de como viviam os “homens do passado”.

Por meio da Arqueologia, entretanto, podemos estudar não só os períodos mais antigos, mas também aqueles mais recentes, como na arqueologia histórica contemporânea. Para Funari (2004, p. 1),

Desde seu surgimento [da arqueologia], diversas teorias desenvolveram-se e, de certa forma, todas elas continuam até hoje sendo utilizadas. Herdeira do nacionalismo do século XIX, a Arqueologia tem no modelo histórico-cultural sua teoria mais difundida. A partir da noção de que cada nação seria composta de um povo (grupo étnico, definido biologicamente), um território delimitado e uma cultura (entendida como língua e tradições sociais), formaram-se o conceito de cultura arqueológica. Esta seria um conjunto de artefatos semelhantes, de determinada época, e que representaria, portanto, um povo, com uma cultura definida e que ocupava um território demarcado. (FUNARI, 2004, p. 1)

No que tange à arqueologia, enquanto ciência investigativa, pode-se dizer que ela possui diversas correntes teóricas. Contudo, seus paradigmas epistemológicos por vezes não são bem conhecidos. No projeto em questão não abordaremos todas essas correntes, visto que a arqueologia é parte integrante do tema do projeto e não o seu foco principal.

Segundo Bahn (1993, p.19), a arqueologia “es en primera instancia, una historia de ideas, de teoría, de modos de mirar al pasado. Después, es una historia del desarrollo de métodos de investigación, del empleo de esas ideas y el análisis de esas cuestiones”.

Essas idéias e métodos foram sendo aperfeiçoados na intenção de buscar

resultados mais precisos nas investigações arqueológicas. Nesse sentido, a arqueologia, tal como se conhece, começou a desenvolver-se nos movimentos intelectuais no século XIX e no início do século XX, caracterizando-se por discussões determinadas por tendências e subjetividades que permeiam uma discussão ramificada até os dias atuais.

Por esta via, a título de conhecimento vale citar alguns dos autores que escreveram sobre a história do pensamento arqueológico, como Bahn (1993), Trigger (2004) e Funari (2005) entre outros.

O primeiro conjunto de orientações contido em Trigger (2004), está relacionado com uma arqueologia baseada em textos. A busca por curiosidades levou os intelectuais da renascença, em decorrência do interesse na era clássica, a consolidarem a História da Arte, que exerceu papel fundamental no desenvolvimento da arqueologia apoiada em textos, decorrendo de obras tais como, a *arqueologia clássica, egiptologia e assiriologia*. O estudo desses remanescentes só seria possível nesse período, em decorrência do material escrito. Nesse período, a pré-história não tinha relevância por não apresentar registros. Evidencia-se, na abordagem de Trigger (2004), que o desenrolar do pensamento arqueológico não está disposto de forma linear. Ao contrário, a compreensão está orientada pelo contexto histórico e social no qual ele está inserido.

Trigger (2004) afirma que a segunda fase do antiquarismo, está ainda relacionada na arqueologia baseada em textos. Os antiquários nos séculos XV e XVI na Europa, haviam conseguido desenvolver descrições e classificações de monumentos e artefatos. Todavia, eles realizavam escavações e foram ainda os primeiros a estimarem datações relativas para os achados arqueológicos sobre os quais não havia testemunho histórico. Em alguns casos, conseguiram chegar a conclusões de que haveria um período muito antigo, em que as pedras haviam sido utilizadas. Porém, tal como os arqueólogos clássicos tentavam entender muitas vezes os monumentos e vestígios antigos a partir de fontes escritas (incluindo os vestígios relacionados à pré-história), pode-se observar que, nesse período, ainda não se fazia distinção entre curiosidades naturais e as origens humanas.

Em seguida, se tem a fase identificada por *arqueologia escandinava*, segundo Trigger (2004, p. 78), marcou o início da arqueologia pré-histórica como um estudo autônomo e sistemático. Observa-se dessa forma, que o desenvolvimento do

movimento, citando Thomsen (1788-1865 apud TRIGGER, 2004, p. 79), foi influenciado pelo antiquarismo do século XVIII e pelos conceitos evolucionistas do iluminismo, dividindo cronologicamente o período pré-histórico em idade da pedra, do bronze e do ferro, além de separar os artefatos em várias categorias de uso. Porém, esse movimento não conseguiu contestar a cronologia bíblica tradicional.

A antigüidade da humanidade começa a recuar significativamente a partir da obra de Darwin, intitulada *A origem das espécies* (1859), sugerindo uma perspectiva evolucionista nos estudos. Por isso, a arqueologia do paleolítico logo se viu fortemente influenciada pelos conceitos das leituras da evolução biológica darwiniana.

A fase da *arqueologia evolucionista do paleolítico* (TRIGGER, 2004 p. 91) seguiu a onda da arqueologia escandinava, destacando-se como pioneira do estudo do paleolítico. A arqueologia do paleolítico, ainda segundo Trigger (2004, p. 92), tratou questões relacionadas à origem humana e seus achados.

A fase denominada *arqueologia histórico-cultural* (TRIGGER, 2004) girava em torno do interesse por problemas étnicos e históricos. Isso levou os arqueólogos a prestarem atenção crescente à distribuição geográfica de tipos distintos de artefatos e aos conjuntos de artefatos no esforço para relacioná-los com grupos históricos. Porém, a incapacidade da arqueologia histórico-cultural de entender como as culturas pré-históricas funcionavam, fez crescer um movimento denominado *arqueologia funcional* (TRIGGER, 2004, p. 147). O paradigma histórico-cultural parte do pressuposto de que a cultura é homogênea e que as tradições passam de geração a geração. Esse paradigma segundo Funari (2004, p. 1), ainda que tenha sofrido muitas críticas, é utilizado em suas múltiplas variantes.

Na América do Norte o paradigma funcional estabeleceu seus vínculos com a antropologia; a arqueologia funcional desenvolveu-se com o movimento designado *arqueologia processual* (TRIGGER, 2004, p. 281).

De acordo com Trigger (2004) e Funari (2005), a arqueologia antropológica ou processual refletia bem uma visão capitalista do passado humano, privilegiando uma interpretação materialista pouco preocupada com as diversidades culturais. A partir da década de 1980, começaram a surgir críticas mais contundentes ao processualismo. As ciências humanas como um todo, sofriam a influência do pós-modernismo e das críticas à idéia do que seria “verdade científica”. A partir da noção

de que as ciências são construções discursivas, inseridas em contextos sociais, desmontou-se a lógica do processualismo. Mas antes disso, Trigger (2004) já afirmava que a nova arqueologia era uma forma de arqueologia imperialista. Foi neste contexto que, segundo Funari (2005), o *World Archaeological Congress* (Congresso Mundial de Arqueologia) foi realizado em 1986, congregando arqueólogos e outros estudiosos, assim como também indígenas preocupados com as dimensões sociais da Arqueologia.

É importante considerar que após esse breve panorama sobre a história do pensamento arqueológico na Ásia e América do Norte, torna-se imprescindível discorrer um pouco sobre a história da arqueologia no Brasil. A arqueologia brasileira está dividida em arqueologia pré-histórica e histórica. Considerando-se primeiramente como “pré-história”, o período antes da invenção ou da introdução da escrita.

Contudo, no Brasil, a pré-história vai ser datada até por volta de antes de 1500, terminando com a colonização dos portugueses, sendo que na arqueologia histórica, além dos vestígios materiais terá como base de pesquisa também, os textos que dão acesso ao estudo das sociedades desse período.

A arqueologia brasileira, ao contrário da européia e da norte americana, não é formada de grandes monumentos (estruturas). O que não diminui sua importância científica. O destaque na arqueologia brasileira, vai para os vasilhames de argila pré-histórica que encantam pela beleza estética (a cerâmica marajoara) e que por isso são contrabandeadas. Na maioria das vezes, o que se encontra nos sítios são fragmentos de cerâmicas ou pequenas lascas, que passam despercebidos aos olhos de uma pessoa leiga. O que acaba por favorecer a destruição dos sítios por aqueles que não foram informados sobre a importância dos mesmos.

A arqueologia brasileira teve sua importância reconhecida a partir do decreto de lei nº3.924 da Legislação Ambiental de 29 de novembro de 1961, p. 203, que dispõe sobre a proteção dos monumentos arqueológicos e pré-históricos:

[...] Art.1º. Os monumentos arqueológicos ou pré-históricos de qualquer natureza existentes no território nacional e todos os elementos que neles se encontram ficam sob guarda e proteção do poder público, de acordo com o que estabelece o art.175(art.180.c.f. 1988) da constituição federal. [...] Art.2º. Consideram-se monumentos arqueológicos ou pré-históricos: as jazidas de

qualquer natureza, que representem testemunhos da cultura dos paleoameríndios do Brasil; os sítios nos quais se encontram vestígios positivos de ocupação pelos paleoameríndios; os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou aldeamento; as inscrições rupestres ou locais como sulcos de polimentos de utensílios e outros vestígios de atividade de paleoameríndios. Art.3º. São proibidos em todo o território nacional o aproveitamento econômico, a destruição ou mutilação, para qualquer fim, das jazidas arqueológicas ou pré-históricas.

Embora tenha sido promulgada no governo de Jânio Quadros, esta lei foi elaborada no governo de Juscelino Kubitschek. Sua criação se orientou, principalmente, na necessidade de contenção das ações danosas aos sítios arqueológicos, que estavam sendo destruídos por populares e instituições públicas, por falta de conhecimento. Com o respaldo fornecido por essa lei, a arqueologia brasileira entra nos anos 1960 em uma fase de grande dinamismo, com maior implementação de pesquisas em todo o país.

As missões estrangeiras são intensificadas, implantando programas nacionais com recursos externos. Em 1965 e 1970, elaborou-se no Brasil um amplo projeto de sistematização e padronização de procedimentos nas atividades arqueológicas denominado PRONAPA (Programa Nacional de Desenvolvimento Agropecuário). Intensificando a proteção desses sítios e criando parâmetros para que os mesmos fossem pesquisados.

Neste novo momento, marcado pela busca de melhores resultados nas pesquisas arqueológicas e maior respaldo na preservação do patrimônio arqueológico, aconteceu o *World Archaeological Congress* em 1986. Anos mais tarde, foi promulgada no Brasil a lei 6.938 de política nacional do meio ambiente com resolução 001/86 do CONAMA (Conselho Nacional do Meio Ambiente), que afirmava que as pesquisas arqueológicas passavam também a se vincular às políticas ambientais, não somente à política de preservação do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), e ao cumprimento de políticas culturais. Essa lei tornou evidente a importância de se preservar os bens arqueológicos também relacionados às áreas de impacto ambiental.

Com a resolução 001/86 do CONAMA, ressaltando a importância de se preservar os bens arqueológicos em áreas de impacto ambiental, as empresas

passam a ser obrigadas a seguir alguns parâmetros antes de desenvolver os projetos de médio e grande porte que causam impacto no subsolo. Esses parâmetros são:

- a. Diagnóstico ambiental da área de influência do projeto (...) Destacando os sítios e monumentos arqueológicos;
- b. Análise dos impactos positivos e negativos;
- c. Definição de medidas mitigadoras dos impactos negativos;
- d. Elaboração de um programa de acompanhamento e monitoramento desses impactos.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é um órgão federal, que foi criado na década de trinta, a partir de um grupo de intelectuais que buscavam compreender as diversas faces identitárias do país, em busca de uma nacionalidade em comum. Desse movimento que visava catalogar as diversas formas de expressões encontradas nos “confins” do Brasil, iniciou-se a trajetória das políticas de preservação de bens culturais no País. Entre elas, figuram a resolução acima citada e a criação de um órgão responsável pela fiscalização da mesma.

Recuando um pouco mais na história, em 1936 encontramos a figura do escritor e intelectual brasileiro Mário de Andrade, responsável pela criação de um serviço federal de proteção ao patrimônio que começou a funcionar somente em caráter provisório, sendo designado como Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), sob a direção de Rodrigo Melo Franco de Andrade. Ao novo órgão, cabia a incumbência de fiscalizar e proteger o patrimônio arquitetônico do Brasil, para que esse patrimônio não se perdesse. Em consequência disso, em 30 de Novembro de 1937, é promulgado o decreto de lei nº25, que cria definitivamente o SPHAN e regulamenta o Instituto de Tombamento Nacional (esse mesmo órgão, tempos depois se tornou IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional) (FONSECA, 2005, p. 238). O IPHAN vivenciou desde a sua criação duas fases até 1990: Primeira fase, a “fase heróica” – que corresponde ao seu nascimento, subsidiado pelo Dec. Lei n. 25, sob a direção de Rodrigo de Melo e Franco de Andrade, que privilegiava os bens de pedra e cal e não incluía manifestações não materiais. Tombou monumentos que representavam símbolos da identidade

brasileira. A segunda fase, a “fase moderna” – inicia-se por volta de 1970 com a admissão de Aloísio Magalhães. Houve a retomada do projeto de Mário de Andrade. O conceito de patrimônio é modificado, uma vez que se inclui o bem cultural móvel, as atividades artesanais, os hábitos e os costumes e o patrimônio imaterial.

A partir da década de 1990, com esse engajamento e com o incentivo das leis culturais, houve um crescente dinamismo da chamada Arqueologia Pública (*public archaeology*), entendida por Funari (2005, p. 02), como apletora de implicações públicas da arqueologia enquanto disciplina social, do cuidado pelo patrimônio em que a educação patrimonial se fundamenta nos direitos humanos.

Segundo Bezerra (2002, p.33), “arqueologia pública” não se resume apenas à divulgação dos resultados das pesquisas arqueológicas, mas engloba um grupo de ações e reflexões que objetiva saber a quem interessa o conhecimento produzido pela Arqueologia. E, ainda, deve saber de que forma as pesquisas afetam a sociedade envolvida e, sobretudo, de que forma estão sendo apresentadas ao público. Portanto, mais do que uma linha de pesquisa, a Arqueologia pública é inerente ao exercício de uma profissão – a de arqueólogo.

Em suma, segundo Bezerra (2002, p. 34), é preciso compreender e devolver o conhecimento às comunidades onde são encontrados esses sítios arqueológicos, pois não há somente histórias que brotam dos vestígios encontrados, mas a compreensão das mesmas. Tal tarefa pode ser desenvolvida por meio de palestras explicativas, ministradas pelos arqueólogos ou gestores patrimoniais que estejam envolvidos no projeto, para que essas comunidades se (re) encontrem nessas histórias e se sintam responsáveis pela sua preservação.

Resta-nos, com isso, perguntar “se palestras explicativas são o suficiente para introduzir, na comunidade em questão, conceitos tão longínquos de seu cotidiano”. Nesse contexto, é necessário refletir para se criar formas de ensinar e de apresentar esse patrimônio “das pessoas”. Partindo deste pressuposto, retornamos à discussão principal desse projeto: a educação patrimonial, com destaque para o patrimônio arqueológico, e as diversas maneiras de implantá-la. Segundo Horta (2006, p.06).

É preciso reconhecer que a educação patrimonial desperta nas pessoas o pertencimento necessário, para que elas se tornem guardiãs deste imenso patrimônio arqueológico. O processo de preservação sustentável desses bens

culturais, assim como o fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania, acontece por meio do conhecimento que gera a apropriação por parte da comunidade envolvida. Nesse sentido, a educação patrimonial se torna mediadora entre comunidade social e os arqueólogos. Seguindo essa orientação, da portaria 07/1988 e da portaria 230/2002, Caldarelli (2007, p. 154) afirma que o IPHAN estabelece a necessidade de implantação de programas de Educação Patrimonial nos projetos de pesquisas arqueológicas. Apesar da educação patrimonial já ter ocorrido anteriormente, a partir desta portaria fica determinado que ela se torna obrigatória, como um dos recursos de preservação do patrimônio arqueológico brasileiro:

Art. 7º - O desenvolvimento dos estudos arqueológicos [...] em todas as suas fases, implica trabalhos de laboratório e gabinete (limpeza, triagem registro, análise, interpretação, acondicionamento adequado do material coletado em campo, bem como programa de Educação Patrimonial) os quais deverão estar previstos nos contratos entre os empreendedores e os arqueólogos responsáveis pelos estudos, tanto em termos de orçamento quanto de cronograma.

Mas afinal, o que seria educação patrimonial? A educação patrimonial em sentido mais amplo, segundo Horta (2005, p. 06), baseia-se em princípios e metodologias que visam sensibilizar e instrumentalizar os indivíduos de uma determinada comunidade, no universo escolar ou fora dele, crianças e adultos. E tem como objetivo auxiliar a comunidade na descoberta e identificação de seus valores, de sua identidade cultural, gerando com isso o sentimento de pertencimento e apropriação, modificando assim suas atitudes em relação aos seus bens patrimoniais, dentre eles o patrimônio arqueológico.

Nesse sentido, a educação patrimonial tem sua importância na relação com a arqueologia, pois, cabe ao gestor patrimonial, construir um elo entre a comunidade e o projeto arqueológico, onde deve existir um compromisso profissional que se orienta pela necessidade de se mostrar ao público, uma arqueologia que seja um instrumento na construção da memória, da história, da identidade e da cidadania. Segundo Haigert (2003, p. 32-35), mesmo sendo de suma importância para preservação dos bens culturais, a educação patrimonial, em se tratando de patrimônio arqueológico, ainda se encontra restrita a projetos isolados, com pouca

continuidade e pouca profundidade devido à limitação do tempo de duração dos projetos desenvolvidos.

Em outras palavras, há um “vazio” a ser preenchido no que se refere ao retorno social dos pesquisadores arqueólogos às comunidades, direta ou indiretamente ligadas aos projetos em questão. Assim, dentre tantos outros problemas evidenciados, na luta dos pesquisadores e órgãos competentes pela preservação do patrimônio arqueológico, segundo Haigert (2003, p. 34), a crescente destruição do patrimônio arqueológico registrado ao redor do mundo é evidente. O que sinaliza para problema: a relação distorcida do público com o patrimônio arqueológico, com a arqueologia e, conseqüentemente com a educação patrimonial, sua principal forma de preservação.

Existe assim, uma lacuna de conhecimento no que se refere ao patrimônio arqueológico que precisa ser superada, provavelmente, por meio das diversas maneiras de se realizar a educação patrimonial. Segundo Horta (2005, pp. 10-11), as etapas de aplicação de um projeto de educação patrimonial são: **observação, registro, exploração, apropriação**. É preciso definir que patrimônio será preservado e todas as atividades deverão ser pensadas no intuito do objetivo final, que é o de despertar o sentimento de apropriação na comunidade envolvida. É preciso ter claro qual o objetivo do projeto e a metodologia a ser aplicada.

Segundo Paulo Freire, no seu livro *Pedagogia da autonomia* (2003, p. 29), não há uma forma de se ensinar, mas sim, várias. E, por isso, essas formas de se ensinar devem ser adaptadas de acordo com o que vai se ensinar, e, sobretudo, para quem se vai ensinar. E tal fato, não é diferente quando se trata de educação patrimonial, porque é preciso levar em consideração o tipo de patrimônio que se quer apresentar e preservar e, com qual intenção. Se a educação patrimonial nasceu no intuito de gerar a preservação do patrimônio cultural em si, então, é preciso despertar na sociedade o interesse por esse patrimônio assim como também o respeito.

Portanto, o projeto em questão neste estudo, destina-se à realização de um trabalho em conjunto com a arqueologia, que objetiva trabalhar com a educação patrimonial, em dois empreendimentos diferentes, a partir de metodologias também diferentes, no intuito de avaliar qual das formas será mais eficaz, partindo da avaliação da absorção de conhecimento que será aplicado durante o

desenvolvimento projeto. Nesse contexto, a educação patrimonial, não consiste apenas em discorrer sobre preservação, mas acima de tudo, uma busca e uma auto-reflexão sobre o desafio de se fazer educação patrimonial no Brasil. Desde modo, evidencia-se importância imprescindível da parceria do profissional arqueólogo, do órgão responsável, da comunidade e do gestor patrimonial. Pois, é por meio da educação patrimonial que o arqueólogo e/ou o gestor vão despertar na comunidade o sentimento de pertencimento com relação ao patrimônio arqueológico encontrado, e, com isso, despertar a necessidade de ajudar a preservar essa parte da história:

“(…) É meta do arqueólogo e do gestor, apagar da mente da comunidade a visão romântica de que um arqueólogo é apenas um aventureiro caçador de relíquias, mas que o mesmo tem o compromisso profissional de “mostrar ao público uma Arqueologia que – longe de ser uma atividade de entretenimento – seja um instrumento na construção de sua memória, de sua história, de sua identidade e de sua cidadania”. (BEZERRA, 2002, p. 9-10)

De acordo com Meneses (1984 *apud* Bezerra, 2002, p.19), há três razões para a preservação e valorização do patrimônio arqueológico: 1) Razão científica: porque são fontes primárias de conhecimento; 2) Razão afetiva: o sentimento de pertencer a algum lugar é um forte argumento; 3) Razão política: o cidadão tem direito à reapropriação de seu patrimônio. O exercício desse direito pressupõe o seu reconhecimento enquanto parte de sua história. Assim, a educação patrimonial surge como elo que liga o ser social com sua história a partir dos vestígios arqueológicos.

Paulo Freire (2003, p. 11), diz que, sobre as “várias formas de se educar”, é possível fazer valer de suas palavras no intuito de enriquecer a justificativa ainda mais. Focando o trabalho que será desenvolvido este projeto, mais uma vez que fica em evidência que educar consiste em pesquisa, e que pesquisa consiste em aprendizado. Não se pode fugir da realidade que cerca o meio educacional. Realidade essa, que limita o conhecimento dos alunos a uma “educação de conceitos”, quase sempre longínquos e sem nenhuma conexão com a realidade dos aprendizes.

Cabe ao educador criar elos que facilitem a compreensão desses aprendizes. Mas não se pode negar que os professores nem sempre foram preparados para a

tarefa de mediar conhecimentos, e isso no que se refere a educação formal, Conquanto, o que dizer de temas mais complexos como patrimônio cultural, arqueologia e patrimônio arqueológico que são distantes da realidade da grande maioria? Na verdade, somente há algumas décadas é que disciplinas como a antropologia e a sociologia passaram a fazer parte dos parâmetros curriculares e com isso se tornaram disciplinas obrigatórias. Mas até então, eram partes do que o meio educacional chama de “temas transversais”, que são trabalhados de formas isoladas, não sistemáticas ou em semanas chamadas de “culturais”. Desta forma, a implantação desse projeto será mais um subsídio de aprendizado e preservação patrimonial.

A proposta é implantar o mesmo projeto, com metodologias diferentes, nos dois empreendimentos e/ou projetos, observando depois da implantação, qual das duas metodologias apresentará maiores dificuldades a serem desenvolvidas, e principalmente, qual apresentará maior absorção de conhecimento por partes da comunidade envolvida. A forma de avaliação será contínua, levando em consideração o tempo e a comunidade em questão. A metodologia de avaliação contínua acontecerá diariamente durante a implantação e será em forma de atividade que faça com que os participantes reflitam sobre os temas discutidos, no intuito de levá-los a compreender a importância da preservação desses sítios arqueológicos para gerações futuras.

Considerando que a realização dos dois empreendimentos será de grande impacto ambiental, a implantação do programa de educação patrimonial aparece como agente de preservação. Preservação essa, feita através do resgate e pesquisa dos sítios encontrados nas áreas impactadas.

Na área impactada pelo projeto da Linha de Transmissão TO/GO, o trabalho será desenvolvido em parceria com a subsecretária municipal de educação de Palmeirópolis-TO, uma das cidades atingidas pelo projeto.

Na cidade existem duas escolas uma de ensino médio e outra de ensino fundamental. Nestas escolas acontecerão as palestras educativas que serão realizadas em dois momentos. No primeiro momento será apresentado o projeto de educação patrimonial em forma de contação de história. Optaremos pelo lúdico não apenas por se tratar de alunos de primeira fase, mas fundamentalmente para

amenizar o impacto da introdução dos alunos no universo de termos/conceitos pouco familiares. Dessa forma, o conto será o elo entre os fragmentos arqueológicos e a história atual.

Em seguida será aplicado um pequeno questionário com o objetivo de averiguar o nível de conhecimento dos alunos a respeito dos conceitos que serão apresentados. No segundo encontro, a partir das respostas dadas, seguirá a palestra educativa, que será direcionada aos alunos e professores da rede estadual.

No segundo empreendimento, AHE Serra do Facão SEFAC², a metodologia será aplicada na forma de mini curso de 60/h incluindo visitas a campo e duas oficinas. Neste projeto, os encontros acontecerão no Colégio Estadual de Campo Alegre de Goiás. Cidade também impactada pelo empreendimento. Com esse grupo não acontecerão palestras educativas, mas sim uma semana de aulas que serão divididas em temas que abordam desde a origem do homem, em uma perspectiva arqueológica, passando pelas diversas formas e grupos que povoaram a terra ao longo dos tempos. Esses temas serão sedimentados com filmes e documentários, que proporcionaram aulas mais dinâmicas e menos cansativas. Finalizando, nos finais de semana serão desenvolvidas duas oficinas, para que os alunos vivenciem na prática o que absorverão nas teorias, e ao final será distribuído um informativo de educação patrimonial que será elaborado especialmente para esse projeto.

2 A Usina Hidrelétrica Serra do Facão gerará 210 MW de energia, em duas unidades geradoras. A barragem, de concreto convencional, a ser construído no rio São Marcos, terá 87 metros de altura máxima e exigirá a construção de um túnel de desvio de 292 metros de extensão. O eixo da barragem terá suas ombreiras no município de Catalão (GO), cuja sede dista 38 km, e Davinópolis (GO), com sede municipal a 29 km. O eixo está distante 290 km de Brasília (DF) e 300 km de Goiânia (GO), com uma área inundada de 218,8 km², o reservatório a ser formado será de regularização com deplecionamento de até 23,5 m, podendo variar entre as cotas de 756,00 (na máxima, normal de operação) e 732,50 (na mínima, normal de operação). Atingirá área de 6 municípios, 5 em Goiás e 1 em Minas Gerais, sendo estes Davinópolis, Campo Alegre de Goiás, Ipameri e Cristalina em Goiás e Paracatu em Minas Gerais. Foram encontrados 24 sítios arqueológicos até o momento na área impactada pelo empreendimento em questão e todos serão resgatados.

1. OBJETIVO(S)

1.1. Objetivo Geral

Implantar um Programa de Educação Patrimonial com ênfase no patrimônio arqueológico, nos projetos Linha de Transmissão TO/GO e No AHE Serra do facão-Catalão /Go.

1.2. Objetivo Específico

1.2.1. Trabalhar a cultura material relacionada com patrimônio arqueológico, divulgando o trabalho do arqueólogo e ressaltando a sua importância para o entendimento da história do homem, de forma a mediar a relação comunidade-arqueólogo na rede de ensino, através de um “conhecer” que gera respeito e preservação.

1.2.2. Ressaltar a importância do papel da arqueologia para a educação como instrumento de preservação identitária.

Repensar a educação patrimonial na categoria de disciplina a ser abordada nas escolas como suporte de preservação do patrimônio material arqueológico local, partindo do pressuposto de que a preservação e o respeito estão relacionados ao conhecimento.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A tarefa da escola contemporânea, segundo Davídov (*apud* LIBÂNEO, 2001, p. 07), não consiste em dar às crianças uma soma de fatos conhecidos, mas em ensiná-las a orientar-se *independentemente* na informação científica e em qualquer outra. Isso significa que a escola deve ensinar os alunos a *pensar*, ou seja, desenvolver ativamente neles, os fundamentos do pensamento contemporâneo para o qual é necessário organizar um ensino que impulse o desenvolvimento. Chamamos esse ensino de “*desenvolvimental*”. Em síntese, estar preocupado com a qualidade de ensino hoje, implica em assumir uma pedagogia do pensar crítico, reflexivo e criativo. Nesse sentido, Freire (2003, p. 23) afirma que, quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender, o que transforma a relação educando educador em uma troca constante.

O processo de ensino e aprendizagem teria então, como referência, o sujeito que aprende, respeitando seu modo de pensar, sua relação com o saber e como ele constrói e reconstrói conceitos e valores, ou seja, a formação de sujeitos pensantes implicando estratégias interdisciplinares de ensino para desenvolver competências do pensar e sobre o pensar. Isso não é válido somente nos ensinamentos formais, mas também em temas extracurriculares, como é o caso do projeto em questão. É preciso então, desenvolver uma didática a serviço de uma pedagogia crítica; buscar novas idéias, e metodologias para assegurar o desenvolvimento do pensar crítico. Interessamos refletir sobre objetivos e estratégias de formação de sujeitos pensantes críticos de acordo com Freire (2003, p.30). se tratando de modelos educacionais, trabalharei com base em dois dos autores acima citados, que propõem, cada um a seu modo, um novo paradigma educacional.

O primeiro é o tecnicista, que segundo Libâneo (2003, p. 8) é muito claro, pois “as estratégias cognitivas não são mais que comportamentos práticos para transformar o aluno num sujeito prático, competente, sem levar em conta seus conhecimentos”. Freire (2003, p. 22) complementa dizendo que esse é um ensino formado de conceitos fechados, o que transforma a educação em uma transferência de conhecimento, impossibilitando o aprendizado real.

O segundo modelo é o cognitivista que Libâneo (2001, p. 08), conceitua como a focalização dos processos internos de elaboração do conhecimento. O desenvolvimento de estratégias cognitivas seria uma estratégia geral do processo do conhecimento, ligada à aprendizagem significativa, às formas de ajudar o aluno a desenvolver um pensamento autônomo, crítico, criativo, à ativação de processos mais complexos de pensamento e desenvolvimento dos alunos. Freire (2003, p.22), complementa que, desde o princípio, o educador tem que perceber que ensinar é bem mais do que transferir conhecimento; é criar possibilidades para a sua construção, e isso segundo ele só acontecerá se a relação educando-educador, for uma relação de troca e respeito. Mas isso é algo construído nas interações do dia-a-dia, pois se funda na convivência e conhecimento entre alunos e educador. O que se deve fazer para se criar esse laço ou quebrar barreiras e, em se tratando de temas extras curriculares como educação patrimonial, se os encontros são mínimos e os temas tão longe da realidade escolar?

O ponto de vista defendido aqui é aquele em que os alunos podem ser intencionalmente ensinados a pensar em contextos sócio-culturais específicos. Nesse sentido, os processos do *aprender a pensar* e do *aprender a aprender*, além de estarem vinculados à psicologia da aprendizagem e do desenvolvimento, dependem também da consideração dos contextos sócio-culturais subjacentes. O ensino nesse contexto, tem caráter de intencionalidade, implicando portanto, em opções sócio-políticas que obrigam a discussão e a construção dos objetivos e práticas do ensino no próprio marco institucional em que ocorrem. Nesse sentido, a arqueologia pública e o patrimônio arqueológico são os porquês de sua descoberta nos projetos em questão.

Cito Freire (2003), por ter sido o educador das classes socialmente excluídas. O primeiro a pensar na educação enquanto mediadora entre as diferenças sociais e culturais. Fiz-me valer de seus conceitos seguidos dos conceitos de Libâneo (2001), que faz uma releitura das teorias freirianas, adequando à realidade atual da educação. De modo, que no projeto em questão, a metodologia será desenvolvida com base nas teorias supracitadas, por acreditar serem as mais apropriadas para o desenvolvimento do projeto. No entanto, ressalto que serão feitas algumas adaptações na intenção de melhorar a compreensão dos alunos, em um ensaio *Práticas sócio-culturais*.

Libâneo (2003, p. 04) afirma que a escola é o primeiro espaço onde o indivíduo aparece como ser social e que, por isso, o espaço educacional deve ser um espaço de mudanças. Essas mudanças somente serão possíveis por meio de discussões e experiências, que se bem desenvolvidas, gerarão conhecimento e continuidade. Os projetos de educação patrimonial, como já foram citados, acontecem de forma isolada. Por isso, quase sempre não alcançam os objetivos desejados. Escolher o ambiente educacional para desenvolver esse projeto será uma tentativa de imprimir um caráter de continuidade. E seguindo o raciocínio de Libâneo, de que a escola é um espaço de mudanças, ela se torna o melhor lugar para se tratar de preservação, de patrimônio arqueológico e de arqueologia pública; assuntos pouco conhecidos, mas necessários para melhor compreensão de nossa existência.

Freire (2003, p. 12), por seu viés, complementa ao afirmar que não há lugar mais propício às mudanças do que o meio educacional. Em suma, é com base nas idéias de educadores como Freire (2003) e Libâneo (2001; 2003), que optamos por desenvolver esse projeto no ambiente educacional, com professores e alunos das redes municipal e estadual, por acreditar que o meio educacional é o espaço em que deve começar as mudanças ou se deve começar a discutir sobre elas.

Assim, após esta pequena introdução sobre a educação, é necessário discorrer um pouco mais sobre o porquê desse projeto partir destes pressupostos. É preciso, entretanto, apropriar-se das palavras de Wust Irmhild (1999, p. 07), para dizer que “a história do Brasil não começa em 1500. As pesquisas arqueológicas revelam uma grande diversidade cultural das populações que ocuparam o território nacional antes da chegada do europeu e do africano”.

Nesse sentido, qual disciplina seria capaz de possibilitar o entendimento dessa afirmação? A antropologia? A história? Ou ambas? Com certeza elas têm muito a acrescentar, mas a arqueologia será ciência humana a qual lançaremos mão como instrumental na afirmação de Wust Irmhild. Como já foi apresentado na apresentação desse projeto, a arqueologia ainda é vista de forma muito romântica pela maioria das pessoas. E a Educação Patrimonial – que é uma das formas de introduzir a arqueologia no meio educacional – ainda acontece de forma isolada em projetos particulares e de grande impacto social e ambiental. Os projetos de educação patrimonial quase sempre têm curta duração, o que dificulta o aprendizado

e a continuidade da construção e mediação de conhecimentos.

Mas afinal, qual a finalidade da arqueologia para o meio educacional formal? A arqueologia se faz necessária como (talvez) a única ciência humana capaz de desvendar o modo em que os grupos viviam em nosso país antes da chegada dos europeus, pois é a ciência capaz de transformar fragmentos de matérias em história. Mas a quem revelar essas histórias e por quê? A todos, vez que a história é a história da coletividade, porque por meio delas muitos conceitos errôneos sobre a evolução cultural e social do homem serão desfeitos ou complementados. Contudo, torna-se necessário fazer com que as descobertas arqueológicas ultrapassem o âmbito acadêmico e ganhe espaço na vida cotidiana das pessoas, como qualquer outra disciplina, criando uma relação entre patrimônio arqueológico e sociedade.

A necessidade de se preservar fez com que o arqueólogo assumisse, também, o papel de mediador entre a sociedade e o patrimônio arqueológico. Assim, nascem, a princípio, os projetos de educação patrimonial. Então, pode-se afirmar que o conceito de patrimônio histórico sofreu grandes mudanças, graças ao trabalho da arqueologia que se tornou um dos principais instrumentos de interpretação e compreensão da história de nossos antepassados; e a educação patrimonial seu principal meio de acesso.

No ensaio *Da cidadania e do pertencimento: lugares da atuação da Arqueologia em educação patrimonial*, Tocchetto (2000, pp. 62-69) destaca a importância do trabalho de educação patrimonial em colaboração com o trabalho do arqueólogo, quando afirma que “a arqueologia está no cenário de assuntos cotidianos. Porém, é urgente e fundamental que se expandam a outros campos, assumindo uma ação educacional implicada em uma transformação do indivíduo”.

Assim, pode-se afirmar que a educação patrimonial é de suma importância para a conscientização da população, no sentido de preservar os sítios arqueológicos como forma de auto-conhecimento, pois por meio deles podemos entender um pouco mais acerca da diáspora humana no planeta. Isso só acontecerá por meio do conhecimento que nasce com o trabalho, não só do arqueólogo, mas também com a atuação do gestor patrimonial. Vale ressaltar, que a educação patrimonial é uma das formas de conscientizar a população da importância da preservação deste patrimônio que, significa também desenvolvimento cultural e social, visto que, é uma herança cultural recebida e, para tanto, temos o dever de

preservar e levar esse legado aos que virão depois de nós.

Assim, resta-nos perguntar como inserir conceitos tão distantes do ambiente sócio-educacional como a arqueologia, a educação patrimonial, o patrimônio arqueológico e a arqueologia pública em temas a serem discutidos e abordados nas escolas em tão pouco tempo? É possível que se evidencie, que um dos principais limitadores do educador patrimonial é o pouco recurso que os projetos designam para o desenvolvimento da educação patrimonial. Portanto, é preciso, acima de tudo, ser didático e simplificar ao máximo a forma de expressão das idéias, buscando familiaridades entres os conceitos que serão abordados e os que nós imaginamos que eles (as comunidades) conheçam. E, também desenvolver projetos de ação contínua como as semanas culturais, que já fazem parte dos parâmetros curriculares.

Em suma, no desejo de buscar melhores resultados na aplicação da educação patrimonial, e por acreditar que não há uma única forma de se fazer educação patrimonial, mas sim várias. O presente projeto fez a escolha por duas formas de desenvolver, avaliar de se fazer educação patrimonial, considerando que ambas serão desenvolvidas no ambiente educacional – uma com professores e alunos, (projeto linha de transmissão TO/GO) e outra somente com professores, (projeto AHE SEFAC Serra do Facão Catalão/ Divinópolis). Uma em forma de palestras e conto de histórias (linha de transmissão) e a outra em forma de um curso que será desenvolvido em uma semana (AHE SEFAC Serra do Facão). Assim, as duas metodologias serão desenvolvidas e avaliadas posteriormente, levando em conta a particularidade de cada uma (tempo desenvolvido, público alvo e empreendimento em questão).

Entretanto, em ambos os projetos serão abordados e discutidos conceitos sobre a história da arqueologia, da educação, de preservação, memória identidade e do patrimônio em si e, em especial, do patrimônio arqueológico, arqueologia pública no Brasil e no mundo por meio de alguns autores como Bahn (1991), Bezerra (2002), Freire (2003), Fonseca (2005), Funari (2006), Haigert (2003), Halbwachs (2006), Horta (1999; 2006), Libâneo (2003), Trigger (2004) e outros que, ressaltam também, as leis que protegem o patrimônio no Brasil.

3. METODOLOGIA

Aplicando a Metodologia da Educação Patrimonial

Segundo Horta (2006, p. 10), a metodologia aplicada nos cursos de educação patrimonial consiste em várias etapas em que a análise de um objeto ou fenômeno cultural pode ser feita por meio de uma série de perguntas e reflexões, sobre o objeto ou patrimônio a ser resguardado. É preciso conhecer profundamente o mesmo; as perguntas giram em torno do aspecto físico, do desenho e forma, da função e do uso, da construção e do processo, do valor e do significado. Caberá ao gestor patrimonial fazer uma pesquisa prévia, em busca de respostas para as mesmas. Essas respostas, de acordo com a pesquisa, serão sancionadas através de observação, da discussão com outros pesquisadores sobre o tema e pesquisa que deixaram o gestor preparado para então programar e aplicar atividades sobre o assunto ou patrimônio que será apresentado aos educandos.

É preciso levar em consideração que cada objeto ou evidência de cultura, traz em si uma multiplicidade de aspectos e significados. No caso em questão, o patrimônio arqueológico, já foram apresentados no texto alguns dos significados presentes na historiografia humana. É necessário que o educador patrimonial tenha em mente os objetivos e metas a serem alcançados e de que forma pretende chegar até eles. Horta (2006, p.11) afirma que depois de definido o objeto/fenômeno/tema de estudo (nesse caso o patrimônio arqueológico), a ação educativa deverá se desenvolver ao longo das seguintes etapas metodológicas: **Observação:** que consiste em exercícios de percepção visual por meio de perguntas, manipulação e experimentação; **Registro:** em forma de desenhos, descrição verbal ou escrita, gráfico e fotografias; **Exploração:** que consiste em análise do problema, questionamento e discussão; e por fim a **Apropriação do bem** com a recriação, releitura, dramatização e interpretação em diferentes meios de expressão, desenho, pintura, escultura e drama. A partir dessas etapas serão apresentadas as atividades que serão desenvolvidas nos trabalhos em evidência neste projeto. Essas atividades serão divididas e apresentadas nas tabelas abaixo, de acordo com o que será desenvolvido em cada projeto.

Antes de apresentar as tabelas, é preciso esclarecer alguns pontos. A tabela citada por Horta (2006, p. 11) se refere ao objeto a ser resguardado, quanto as tabelas que serão apresentadas, estas apontam não somente para o patrimônio, mas também para o público ao qual ele será apresentado. Para apresentar um patrimônio a um determinado público é preciso saber qual a concepção desse público e saber da origem e função desse mesmo patrimônio. Nesse sentido, a observação se torna dupla, pois se observa o patrimônio e a visão do público em relação a esse patrimônio. O registro se torna não só do patrimônio, mas também de como ele é visto pelo público alvo do projeto. Enquanto que a exploração se torna o levantamento de hipóteses e aplicação de atividades para solucionar as supostas dúvidas desse público com relação ao patrimônio a ser apresentado, e, por fim, a apropriação nascerá do conhecimento e recriação desse patrimônio que surgirá como elo entre o passado e o futuro. Em suma, as etapas que serão apresentadas abaixo sofreram uma interpretação e adequação necessária para melhor entendimento da metodologia e das atividades que serão desenvolvidas neste trabalho de pesquisa.

O caso do Projeto Linha de Transmissão

Observação:

Conhecer o público alvo

Apresentar o patrimônio

Recursos /Atividades

- Serão apresentados banners, folders e pequena exposição de artefatos.
- Aplicação de um questionário com questões relacionadas com a arqueologia, sítio arqueológico, a relação entre arqueologia e história e patrimônio cultural.
- Apresentação de um mito indígena adaptado.

Objetivos

- Exercício de percepção visual. Apresentando o objeto/patrimônio.

Perceber a noção que os alunos têm do tema que será abordado.

- Comparação, história local e pré-história regional, busca de proximidade artefato e história local.

Observações

- O projeto será desenvolvido na Escola Estadual de Palmeirópolis – TO, onde estudam alunos de 5º ao 9º ano e EJA (Educação de Jovens e Adultos), com carga horária de 20h/aulas, dividida em dois encontros.
- A escola funciona em três turnos e o projeto pretende abranger todos os turnos.

Registro

O registro acontecerá por meio de fotografia durante as etapas do projeto, por meio de pinturas feitas pelos alunos nas oficinas de arte rupestre e pelas respostas dos questionários aplicados.

Objetivo

- Registrar as etapas do projeto
- avaliar o nível de entendimento dos alunos

Observação

- A pintura rupestre será usada apenas com os alunos menores.

Exploração

- será feita na análise do questionário respondido, as dúvidas serão sancionada na palestra aplicada, e discussão com os alunos e na exploração (manuseio) dos objetos da exposição.

Apropriação

- será feita de forma oral e escrita com a reaplicação do questionário um ano e meio depois. E a reaplicação da palestra informativa.

Objetivo

- Perceber o nível de aprendizado e apropriação do patrimônio por parte dos educandos.

Observação

- As palestras estão previstas para 23 e 24/04/2008

O projeto do AHE-Serra do Facão Catalão/GO

Etapas

Observação:

Conhecer o público alvo/

Apresentar o patrimônio

Recursos/ Atividades

- Serão apresentados banners, folders e pequena exposição.

Objetivos

- Identificação do patrimônio função e significado, desenvolvimento da percepção visual e simbólica.

Observações

- No projeto em questão, o curso de educação patrimonial, que será desenvolvido com um grupo de 30 educadores das redes estaduais e municipais com duração de 60h/aulas divididas em 5 dias. O objetivo é não só apresentar as pesquisas arqueológicas, que estão sendo desenvolvidas na região, mas também levantar propostas, e criar projetos de educação patrimonial para serem desenvolvidos pelo grupo que estará participando da “semana patrimonial”. Em suas escolas de origem.
- O curso acontecerá na cidade de Campo Alegre a 70 km de Catalão.
- O grupo foi escolhido pela empresa financiadora do projeto que usou como recurso de escolha segundo a bióloga responsável Vanderléia Dartora, o maior interesse de participação.
- A primeira etapa do projeto está prevista para ser desenvolvida de 8ª 12/12/2008.

Registro

Recursos

- Serão desenvolvidos através da escrita com atividades diárias de acordo com o tema apresentado.
- Em forma de fotografias e relatórios ao fim da semana de curso.

Objetivos

- Avaliar diariamente o nível de absorção do conhecimento apresentado.
- Análise para implantação de futuros projetos

Observações

- Serão apresentados durante a semana filmes e documentários que abordem os temas discutidos no intuito de tornar as aulas, mas dinâmicas.

- TEMAS

1° DIA ► A Origem do homem

2° DIA ► Ocupação humana.

3° DIA ► O patrimônio arqueológico e a educação patrimonial

4° Dia ► Trabalho de campo do arqueólogo.

5°DIA ► Trabalho em Laboratório

Exploração

Recurso

- durante toda semana serão levantadas hipóteses, e suposições sobre o patrimônio que será apresentado.

Objetivo

- Desenvolver capacidade de análise e julgamento crítico, interpretação das evidências e significados.

Apropriação

- Será desenvolvida uma oficina de memória e patrimônio no intuito de ressaltar a importância da apropriação do objeto para conservação da memória.

- Serão desenvolvidas duas oficinas (lascamento “lítico” e cerâmica pré-histórica), no intuito de evidenciar a importância do trabalho do arqueólogo para a preservação do patrimônio arqueológico.

Objetivo

- Despertar no grupo o valor do passado para o futuro.
- Despertar a apropriação nos educandos através da vivenciar.

Na seqüência acima, é possível ter uma noção de como o projeto será desenvolvido nos dois empreendimentos. Seguindo este contexto, faz-se necessário refletir um pouco mais sobre o papel da educação patrimonial. Resta-nos perguntar: qual a importância de fazer educação patrimonial nas escolas e na sociedade como um todo? Como isso se reflete no dia-a-dia das comunidades? Refletirá nas ações associadas aos inúmeros sítios que vem sendo destruídos por pessoas comuns e até empresas particulares, porque isso se deve, principalmente, à falta de informação a respeito desse patrimônio histórico e arqueológico. Supõe-se, que o conhecimento fará “nascer” o respeito e com ele a apropriação e preservação desse patrimônio.

O grande desafio do educador patrimonial arqueológico é o de transformar pequenos fragmentos, em história aos olhos das comunidades e, ainda, como fazer a ligação desses fragmentos com a nossa história atual. Então, pretende-se convidar essas pessoas comuns, que quase sempre não conhecem os conceitos básicos da educação patrimonial (patrimônio cultural, arqueologia, patrimônio arqueológico) para uma viagem no tempo que os levarão a se identificar com as tradições de grupos que viveram em sua região a aproximadamente a 6, 10 mil anos A.P. É um desafio grande e muitas vezes, , o educador patrimonial precisa adequar a sua linguagem para se fazer compreender.

O projeto em questão terá como metodologia o dinamismo e o experimento de atividades lúdicas, como por exemplo, a *contagem de mitos*, e a apresentação de oficinas e videos. Todas as atividades serão pensadas no intuito de despertar nesses alunos e professores o sentimento de pertencimento por esse patrimônio arqueológico fragmentado, mas muito rico e expressivo.

O projeto de educação patrimonial na área afetada pela Linha de Transmissão será desenvolvido no município de Palmeirópolis-TO, na cidade existem duas escolas que trabalham com ensino do 5º ao 3º ano do ensino médio e três escolas de alfabetização. O Colégio Estadual de Palmeirópolis foi a escola escolhida para a realização desse projeto que contará com carga horária de

20h/aulas dividida em dois encontros – nesta escola estudam alunos de 5º ao 9º ano.

O colégio Estadual de Palmeirópolis está localizado na avenida principal da cidade. Em Palmeirópolis não existem escolas particulares. Devido ao pouco espaço físico e a imensa quantidade de alunos, as palestras acontecerão em dois momentos e em dois dias com cada grupo (os grupos serão separados por série, no intuito de acompanhar as idades).

No segundo encontro, será montada uma pequena exposição com artefatos arqueológicos encontrados nos sítios da região. E, em seguida, será utilizado o lúdico, que é um bom caminho para começar a palestra educativa, inserindo-se o conto de um mito indígena antes da palestra, que será mais um subsídio de ligação entre a pré-história e a história. Em seguida eles serão convidados a “viajar ao passado” por meio do mito.

Os dois mitos indígenas serão escolhidos dentre as etnias que viviam na região, em um passado mais recente. Uma delas é a Karajá e o mito a ser contado será o mito da “criação do homem”, dando ênfase à evolução humana, por meio dos objetos da exposição. O outro mito é da etnia Caiapó - “A mãe terra” dando ênfase à fase dos caçadores agricultores do Centro-Oeste. Ambos os mitos serão adaptados, no intuito de criar um elo entre as sociedades históricas e os fragmentos pré-históricos da exposição que será montada.

No segundo dia, as respostas do questionário aplicado serão avaliadas pelo gestor patrimonial, de acordo com a tabela criada para o desenvolvimento do projeto³, antes do segundo encontro, pois as respostas do questionário direcionarão o segundo encontro que seguirá com a palestra educativa, a ser trabalhada com muitas imagens e conceitos (patrimônio, arqueologia, patrimônio arqueológico, leis patrimoniais e preservação). As palestras serão expositivas e abertas às intervenções do público (dos alunos e professores).

E o mesmo questionário que será aplicado neste projeto, será reaplicado um ano e meio depois, com o intuito de perceber o que ficou de aprendizado do projeto em questão, e se serão necessárias outras intervenções para transformar esses alunos e professores em multiplicadores patrimoniais.

A educação patrimonial que será realizada na área do AHE Serra do Facão,

3 1 Erradas, Noção, certas: Erradas se divide em: completamente erradas e confunde com outras disciplinas.

será desenvolvida uma semana de educação patrimonial, destinada a um grupo de educadores estaduais e municipais. O objetivo é não só apresentar as pesquisas arqueológicas que estão sendo desenvolvidas na região, mas também levantar propostas e criar projetos de educação patrimonial para serem desenvolvidos pelo grupo que estará participando da “semana patrimonial”.

O grupo será escolhido pelos membros da empresa envolvida no desenvolvimento do projeto no UHE SEFAC. A ementa que será desenvolvida na semana de educação patrimonial inclui aulas que serão discursivas e com momentos práticos (oficinas). Assim, ao final de cada aula, será aplicada uma questão sempre discursiva no intuito de perceber o nível de absorção das aulas, por parte dos alunos-professores.

Segue em nota a lista das questões que serão aplicadas⁴, sempre ligadas aos temas trabalhados, pois ao fim de cada aula será apresentado um filme ou documentário, sempre relacionado ao tema em questão, no intuito, também, não só de melhor compreensão, mas de fazer das aulas menos cansativas e mais prazerosas.

Assim, durante toda a semana patrimonial, os alunos serão instigados a pensar formas de aplicar o que estão aprendendo em sala de aula, já que um dos propósitos é pensar projetos de educação patrimonial e aplicá-los nas escolas da região. Então, a continuidade desse projeto irá acontecer em outra semana, em que esses alunos e professores serão acompanhados pela ministrante das palestras, a professora mestranda em Gestão do Patrimônio Cultural pela UCG (Universidade Católica de Goiás), Rosinalda C. da Silva, que observará e auxiliará os mesmos no desenvolvimento de futuros projetos de educação patrimonial a serem implantados em suas escolas.

4 1º dia - questão: produza um texto relacionando o tema discutido e o tema apresentado no filme; 2º dia- questão: de acordo com o que foi abordado na aula de hoje, quais foram os fatores que levaram o homem a migrar para a América?; 3º dia – questão: na sua concepção enquanto educador, de que forma a inserção da Arqueologia como disciplina complementar pode contribuir para o conhecimento dos alunos; 4ª dia – questão: faça um relatório sobre o trabalho de campo de arqueólogo, dando ênfase ao que você aprendeu na visita de hoje.

4. CRONOGRAMA

Atividades	Período											
	Ano: 2007/2008											
	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
Leitura de bibliografias indicadas e catalogação das mesmas;												
Acompanhamento de manifestações que abordam temas sobre educação patrimonial e patrimônio arqueológico.												
Viagem a campo e primeiras palestras em Palmeirópolis/T.O.												
Apresentação dos primeiros resultados ao orientador.												
	Período											
Atividades	Ano: 2008/2009											
	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
Viagens a campo e palestras patrimoniais.												

Leituras comparativas e observação. Orientação e início de preparação do Projeto.	█	█	█								
Viagens a campo para a primeira Semana de Educação Patrimonial – SEFAC, Catalão/GO.			█	█	█	█	█				
Leitura, catalogação das respostas que vão ser usadas, projeto Linha de Transmissão / do Projeto AHE – SEFAC.						█	█	█			

4.1. Cronograma financeiro

Projeto L/T. Linha de transmissão

Despesas	Valor Unitário/ discriminação	Total
Hospedagem 3 diárias	35,00 por pessoa/3 pessoas	315,00
Refeição 3 dias	30,00 por dia p/3 pessoas	270,00
Gasolina	150,00	450,00
Material didático	300,00	300,00
Diária do motorista/4 d.	50,00	200,00
Diária do gestor patrimonial/ 3 d.	120,00	360,00
Total		1.895,00

Projeto do AHE Serra do Facão

Despesas	Valor Unitário/ discriminação	Total
Hospedagem 3 diárias	35,00 por pessoa/3 pessoas	315,00
Refeição 3 dias	30,00 por dia p/3 pessoas	270,00
Gasolina	150,00	450,00
Material didático	700,00	300,00
Diária do motorista/4 d.	50,00	200,00
Diária do gestor patrimonial/ 3 d.	120,00	360,00
Total		2.295,00

5. REFERÊNCIAS

- ARENDR**, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BAHN**, Paul. *Archeology*. Oxford: 2000.
- BEZERRA**, Márcia de Almeida. *O australopiteco corcunda: As crianças e a arqueologia em um projeto de arqueologia pública na escola*. São Paulo: 2002. (Tese de Doutorado em Arqueologia apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo).
- _____. *O público e o patrimônio arqueológico: Reflexões para a arqueologia pública no Brasil*; Revista *Habitus Goiânia* Dezembro de 2003.
- _____. *Simpósio: Somos todos educadores?: O papel do arqueólogo na educação*; Universidade Católica de Goiás Setembro 2006.
- _____. *A memória fora de nós*; Revista do patrimônio histórico e artístico nacional pg.177.
- CHOAY**, Françoise; *A alegoria do patrimônio*, Edições 70, LDA, Lisboa/ Portugal.
- CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - IBAMA**. Resolução CONAMA Nº 001, de 23 de janeiro de 1986. Disponível em: <www.lei.adv.br/001-86.hpm>. Acessado em: 15 abr. 2009.
- ELIZABETTH**, Grace. *Sociedade e patrimônio cultural*. Disponível em: . Acessado em: 15 dez. 2008.
- FONSECA**, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo*. IPHAN: UFRJ/MINC, 2005.
- FREIRE**, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FUNARI**, Paulo Pedro. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2006.
- HAIGERT**, Cynthia Gindri. Estado da arte sobre educação patrimonial. In: SOARES, André Luis Ramos (org.). *Educação patrimonial: relatos e experiências*. Santa Maria, UFSM, 2003.
- HALBWACHS**, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HORTA**, Maria de Lourdes Parreiras. *Guia básico de educação patrimonial, Brasília*. Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

LEGISLAÇÃO AMBIENTAL. Apostila de legislação ambiental sobre licenciamento e fiscalização. Disponível em: <www.mma.gov.br/port/conama/leg.cfm>. Acessado em: 05 abr. 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. *O essencial da didática e o trabalho do professor em busca de novos caminhos*. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br>>. Acessado em: 10 dez. 2008.

_____ *Práticas sócio-culturais e institucionais e seu efeito na aprendizagem de alunos e professores (apontamentos)*. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br>>. Acessado em: 10 dez. 2008.

_____ *Questões de metodologia do ensino superior – a teoria histórico-cultural da atividade de aprendizagem*. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br>>. Acessado em: 10 dez. 2008.

OLIVEIRA, Alberto Tavares Duarte. *Memória, patrimônio, o arqueólogo e a cidade: arqueologia urbana e preservação do patrimônio arqueológico*. Florianópolis, Comunicação proferida no Congresso Internacional de Arqueologia, 2002.

TOCCHETTO, Fernanda Bodin. *Da cidadania e do pertencimento: Lugares de atuação da arqueologia em educação patrimonial*. Revista do CEPA, Santa Cruz do Sul, v. 24, nº 31, jan/jun. 2000.

TRIGGER, Bruce G. *História do pensamento arqueológico*, Editora Odysseus 1998.

WÜST, Irmhild. *O que estuda a arqueologia?* In: WÜST, Irmhild; MACHADO, Vilma de Fátima. *Arqueologia brasileira: o passado também devora*. Goiânia, MA/UFG, 1999.

ANEXOS

Anexo A – O Desenvolvimento do Projeto

A dinâmica cultural brasileira e a sua pluralidade estão ligadas ao conjunto de etnias que as formaram. A sociedade, a extensão de seu território e as diversidades culturais regionais contribuí para a formação da identidade do cidadão brasileiro. Assim, incorporando-se ao processo de formação do ser humano, enquanto indivíduo e enquanto ser social, que lhe será permitindo reconhecer o passado, a fim de compreender o presente e agir sobre ele.

Portanto, o nosso foco é o patrimônio público cultural, que vem da palavra cultura. Entre outros conceitos, pode significar toda e qualquer manifestação de uma sociedade. Da junção de patrimônio e cultura temos patrimônio cultural e, como o foco deste estudo é o Brasil, temos, então, patrimônio cultural brasileiro. Com isso, da necessidade de preservação desse patrimônio, nasce a educação patrimonial.

Na arqueologia, trabalha-se, sobretudo, com patrimônio material, e, por meio dele, estuda-se a evolução de grupos já extintos; ao passo que a educação patrimonial surge como suporte entre o arqueólogo e a sociedade. Nesse sentido, o grande desafio do gestor patrimonial e do arqueólogo é transformar, de maneira didática, as informações obtidas nos estudos desse patrimônio arqueológico, e, devolvê-las, à sociedade em questão, para que a mesma possa se apoderar desse patrimônio, de maneira a evitar sua destruição.

Considerando o exposto, a educação patrimonial é um instrumento que possibilita o indivíduo fazer a leitura de um mundo “novo”. Esta, por sua vez, o fará compreender o processo de evolução do homem no planeta, levando-o a compreensão do universo em que está inserido e ao respeito às diferentes formas culturais que compõem toda a nossa cultura.

Contando a história por meio de mitos: o caso Palmeirópolis

Em se tratando do projeto da linha de transmissão do qual sou a educadora patrimonial, optei em trabalhar com as escolas da comunidade e direcionei as palestras educativas aos alunos e professores de segunda fase, das duas escolas que existem na cidade. A idéia de trabalhar com as escolas se deve ao fato de eu

acreditar que a educação patrimonial deve estar inclusa, nas escolas, como disciplina diária. As palestras, na verdade, é uma pequena tentativa de fazer surgir, nos alunos e nos professores, não só o sentimento de pertencimento a esse patrimônio fragmentado, porém muito rico – o arqueológico – mas também colocá-lo como suporte, caso esses professores e alunos desejassem saber mais sobre as diversas faces do patrimônio arqueológico.

A metodologia usada

As palestras aconteceram nos dias 28 e 29 de abril de 2008 e foram divididas em dois momentos, com o mesmo grupo. Mas cada palestra foi única, pois primeiro separei as turmas por série (como não havia espaço físico na escola e as salas eram muito cheias, trabalhei com duas turmas de cada vez). Foram ministradas cinco palestras diárias, seguidas de questionamentos, que duravam de 20 a 40 minutos, dependendo do envolvimento da turma.

Optei por trabalhar com muitas imagens, no intuito de prender a atenção e aguçar a curiosidade dos alunos menores (8 e 12). Preparei também um questionário básico para aplicar antes da palestra, para conhecer qual idéia os alunos tinham sobre os conceitos básicos de educação patrimonial. O questionário foi composto por cinco questões:

- 1.O que é arqueologia?
- 2.O que é um sítio arqueológico?
- 3.Qual a relação da arqueologia com a história?
- 4.O que é patrimônio cultural?
- 5.Você sabe o que é educação patrimonial?

Não foi surpresa perceber que a maioria dos alunos e professores não tinha a menor idéia do que era arqueologia ou educação patrimonial, com algumas exceções por parte de alguns professores, que ainda assim confundiam com outras disciplinas, como história e paleontologia. Isso tudo seguido de visões fantasiosas disseminadas pela mídia. Seguem abaixo, exemplos de algumas respostas:

O que é patrimônio cultural?

R.1. É o casamento entre Pai e mãe. (aluno de 5ª série)

R.2. É a propriedade de todos nós. (aluno de 6ª série)

O que é arqueologia?

R.1. E as coisas que não serve mais (aluno 5ª série)

R.2. É a história dos dinossauros (aluno 7ª série)

R.3. É o que o Indiana Jones faz para ficar rico. (aluno 6ª serie)

O lúdico me pareceu um bom caminho para começar a palestra educativa. Então, optei pelo conto de história para convidá-los a “viajar ao nosso passado”. Conteí dois mitos indígenas, que escolhi depois de pesquisar sobre qual etnia, em tempos mais recentes, vivia na região: um mito era Karajá, de criação do homem, e outro era Caiapó – “A mãe terra” (ambos estão descritos abaixo).

O BURACO NO CÉU ou a Mãe (Lenda dos Índios Caiapós)

“Para os Caiapós, o mundo e o universo sempre existiram, lhes falta um legítimo mito da Criação. Sua chegada na Terra deu-se através do espaço sideral, trazidos pelos fios de uma Deusa-Aranha. Esta lenda é muito bonita e esclarecedora. É um novo modo de pensar de como se iniciou o povoamento de nosso planeta. Somos nós os alienígenas que tanto ansiamos encontrar? Vamos, então, conferir a nossa lenda: Em tempos muito remotos, os Caiapós moravam no Céu. Lá, acima do teto do céu, havia tudo que podiam desejar. Havia batata-doce, macaxeira, inhame, mandioca, milho, frutos de inajá, caça de toda a variedade e tartarugas da terra. Lá havia para comer tudo o que se poderia imaginar. Certo dia, um guerreiro da classe dos “Mebengét”, descobriu no mato a cova de um tatu. Querendo caçar o animal, começou a

cavar. Cavou, cavou o dia todo, até a noite, sem encontrar o tatu. Na manhã seguinte, bem cedo, foi para o mato, para continuar cavando. Cavou até a noite, em vão.

No quinto dia, quando já cavara bem fundo, avistou o tatu-gigante. No entanto, na ânsia de cavar, acabou furando a abóbada celeste. O tatu então despencou. Foi caindo, caindo, até chegar à Terra. O índio guerreiro acompanhou-o na queda, mas enquanto caía um vento forte, de tempestade, o pegou e o atirou de volta para cima. Desta forma, retornou ao Céu e, através do buraco da abóbada celeste, olhou a Terra, lá em baixo. Lá distinguiu uma floresta de buritis, um grande rio e imensos campos. E desse mundo distante e desconhecido começou a sentir uma enorme saudade, uma nostalgia infinda. Apressou-se para chegar até sua aldeia. A fim de espalhar a novidade. -"Cavei um buraco no Céu", contou a todos. -"Mas como foi que isso aconteceu?" perguntaram. Então o guerreiro disse como havia descoberto no mato a cova do tatu-gigante e começara a cavar, dia após dia, até perfurar o firmamento. - "E onde está o tatu agora?" queriam saber os homens. -"Rolou para baixo. Eu o vi cair em uma floresta de buritis". Então os caciques da aldeia Caiapó deliberaram sobre tudo que acabavam de ouvir. -"O que devemos fazer agora?", perguntou um deles. -"Será que devemos ficar no Céu, ou descer para a Terra? O outro opinou que deveriam emigrar para Terra. Por algum tempo, os dois ficaram pensando e falando. Enfim, resolveram que os Caiapós deveriam mudar para a Terra. -"O problema é como vamos descer lá", falou um dos chefes. O outro aconselhou: -"Vamos fazer uma corda de todos os nossos fios de teia de aranha e cordas dos arcos, assim como cordões e fitas. Tudo isso vamos juntar para fazer uma corda comprida. E aconteceu conforme os caciques deliberaram e ordenaram: os homens fizeram uma corda comprida, que foi jogada por aquele buraco do Céu. Depois começou a descida. Mas a corda não tinha comprimento bastante para chegar até a Terra, e assim tiveram que voltar ao Céu. Lá amarraram muitas outras fitas e cordas, para encompridá-la. Porém, ainda não era o bastante comprida. Tiveram que voltar novamente para prolongar a corda, que por fim chegou a ter o comprimento necessário. Um homem da classe dos Mebenget, sem medo e livre da sensação de vertigem, foi o primeiro a descer e foi o primeiro a pisar na Terra. Ao chegar, amarrou a corda no tronco de uma gigantesca árvore. Começaram então, a descida de toda a tribo, primeiro os jovens, depois as mulheres e crianças, os menores presos às faixas nas costas da mãe. Em seguida vieram os homens e, por fim, os anciões. Aconteceu, porém, que alguns Caiapós ficaram com medo, hesitaram e não tiveram coragem de acompanhar os demais na descida. Aí, lá em baixo na

Terra, um pequeno garoto estranho veio correndo e quando viu a corda, cortou-a. Ao fazê-lo riu, zombando: -"Estou cortando a corda para eles ficarem lá em cima eternamente". E -"Nunca mais descerem." Assim, alguns ficaram no céu e as estrelas que avistamos no espaço são suas fogueiras acesas. O mito do "Buraco no Céu", como vimos, abre a porta de um outro mundo para este nosso mundo terrestre. Até então, a humanidade vivera no teto Acima da Terra, "kikwa", no teto do Céu. E, o mundo lá de cima, seria semelhante ao mundo indígena de hoje, pois também viviam organizados em comunidades de aldeias. Um dos seus habitantes, um antepassado valente, da classe dominante dos Mebenget em uma caçada, descobre o buraco do tatu, considerado o animal mais antigo do universo. É cavando dia e noite, até encontrá-lo que o ancestral fura o teto do Céu, abrindo caminho para o novo mundo. Mas como este índio não possui poder de decisão, apressa-se em informar aos caciques das aldeias a recente descoberta. Os dois chefes, cada um representando metade da humanidade, deliberam sobre o problema vital, na casa dos homens, decidindo se devem permanecer no mundo antigo ou mudar-se para o novo e como efetivar a mudança. Enfim, prevalece o conselho de um homem da classe dominante: "vamos fazer uma corda, forte como a corda de nossos arcos". Desta forma, torna-se unânime a decisão dos caciques e, com isso, a da própria comunidade. O fato de a corda ter saído curta demais para alcançar a Terra, obrigando os homens a voltarem para cima e tratarem de encompridá-la, é significativo das dificuldades e da grandeza de tal façanha universal, inaugurando uma nova forma de vida. Quando a corda possui o comprimento necessário, um homem da classe Mebenget, herói valente dos tempos primitivos, é o primeiro a descer lá para baixo, onde amarra a corda em um tronco de árvore. A ele é que se deve a posse do mundo novo. Contudo, nem todos têm coragem de descer pela corda, alguns hesitam por temerem alturas. Eles devem então, permanecer lá em cima, pois o novo mundo seria apenas dos mais fortes. É neste momento, que aparece um menino estranho que corta a corda. Nesta passagem da estória, a grande maioria dos indígenas pensa em um menino neo-brasileiro, um menino cristão. Portanto, naquele mundo novo já existiam estrangeiros. E, desde o início, são eles os culpados da cisão e do fato de nem todos os índios terem ingressado no mundo novo. O estrangeiro ruim existe, portanto, desde os primórdios da história indígena e, no seu desenrolar, ele é o causador das desgraças. E é também nas eras primitivas que nascem o ódio e a profunda desconfiança do estrangeiro. Os Caiapós são famosos pela violência com que tratam os invasores de suas terras. Na década de 70, eles mataram oito garimpeiros, cortaram suas cabeças e as penduraram em árvores próximas

de uma estrada, onde foram encontradas pela polícia do Pará. “A atitude do Caiapó frente a todo elemento estranho é marcada por profunda desconfiança, mas esta reação é provocada por experiências amargas, sofridas no passado, assim como nos dias de hoje”
(Texto pesquisado e desenvolvido por Rosane Volpato).

MANI, A MÃE DA MANDIOCA. Lenda Karajá

“Em tempos remotos, revelou-se grávida a filha de um morubixaba nas margens do Amazonas. Seu pai, querendo punir o autor de tanta desonra, perguntou quem era seu pérfido amante. A jovem respondeu que não tivera contato com homem algum. Admoestou-a o velho e empregou para tanto, rogos e ameaças, e por fim castigos severos. Mas a jovem persistiu na negativa. O chefe tinha deliberado matá-la, quando em sonho, lhe apareceu Tupã, que lhe disse que a jovem era completamente inocente, e que a criança era o presente seu. Conteve-se, desta forma, o irritado morubixaba. Sua filha deu à luz a uma menina encantadora, branca, que com poucos meses já falava corretamente. Não só a gente da tribo, como também o das nações vizinhas veio visitá-la para ver esta nova e desconhecida raça. Passou a chamar-se de Mani. De inteligência aguda, Mani passou a ser querida por todos de sua tribo. Mas a cabo de um ano, sem qualquer doença, a pequenina Mani fechou os olhinhos negros e morreu. O chefe da tribo mandou enterrá-la ao lado de sua maloca. Diariamente regavam a sua sepultura, segundo antigo costume da tribo. Muito breve, brotou uma planta que, por inteiramente desconhecida, deixaram crescer. Floresceu e deu frutos. Os pássaros que deste comiam, se embriagavam, fenômeno que, desconhecido dos índios, argumentou-lhes a admiração. Afinal, fendeu-se a terra, cavaram-na e na forma de tubérculo ou raiz, limpando-a, viram que era muito branca, como o corpo de Mani. Acreditando ser a planta, reencarnação da criança, comeram-na e fizeram uma bebida fermentada que foi seu vinho. Este vinho, preparado com a mandioca cozida, é o "cauim", bebida predileta dos índios do Brasil. A aldeia passou a chamar a planta de “Mandioca”, em cujo som encontram-se “Mani”, a criança morta, e Oca, a morada do índio, onde a maniveira é aproveitada das folhas às raízes, como símbolo de alegria e abundância. * * A mandioca, também conhecida como "aipim" ou "macaxeira" é considerada o pão de cada dia do nosso indígena. Sua origem americana está fora de qualquer dúvida, ainda que seja cultivada na Ásia e na África tropical. O cuscuz, porém mais

branda. “Desta maneira se come e é muito doce e saborosa.” * * Existem dois tipos de mandioca, uma doce e outra amarga. A primeira é inofensiva, se pode comer assada ou cozida sem nenhum perigo. A segunda, entretanto, é venenosa. Portanto, para comê-la, é necessário, primeiro tostá-la, para que perca suas propriedades nocivas. “Obtêm-se então, uma farinha que constitui um alimento muito apreciado e muito consumido”.

(Texto pesquisado e desenvolvido por Rosane Volpato Bibliografia: Moronguêta - Nunes Pereira; Editora Civilização Brasileira; RJ; 1967 Lendas Brasileiras - Afonso Schmidt; Livraria Pluma, Porto Alegre; RS Lendas e Mitos da Amazônia - Ararê Marrocos Bezerra e Ana Maria T. de Paula).

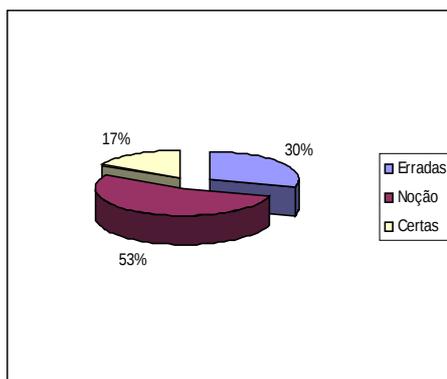
Os contos não foram contados em sua essência. O que faço é uma releitura de cada conto. No primeiro conto, a idéia foi falar de como o homem surgiu em nossas terras, dentro da visão mítica indígena. E, no segundo, fui ainda mais longe, pois gostaria de falar de como surgiram os primeiros caçadores agricultores, e ainda introduzir um instrumento pré-histórico no conto. Então, dentro da história, fiz uma alusão ao uso e a confecção dos primeiros instrumentos, e para materializar minha “história-ideia”, usei um pequeno raspador, encontrado durante as pesquisas na região. O efeito foi melhor do que o esperado, porque pude perceber a importância do manuseio para o entendimento, não só por parte das crianças, mas também dos adultos.

Depois do conto, apliquei o questionário e me surpreendi com as respostas: desta vez de maneira um pouco negativa, pois as cinco questões aplicadas (questões essas que nem todos se prontificaram a responder) deixaram claro que os temas abordados na palestra eram totalmente desconhecidos pela maioria. Então, separei as respostas e as classifiquei em forma de gráficos, no intuito de entender melhor, analisar e classificar os resultados: para essa apreciação, fiz dois gráficos, a partir dos questionários que os 70% dos alunos tentaram responder.

Questionário aplicado:

1. O que é arqueologia?

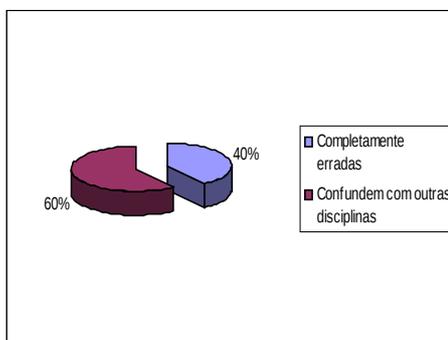
Gráfico 1



Este gráfico que diz respeito à pergunta base de todo o questionário, surpreendeu ao mostrar que a maioria dos alunos entendia arqueologia enquanto ciência que pesquisa somente fóssil, (paleontologia é também uma área da ciência que estudam fósseis) ou, ainda, entendia como sendo a Pré-história. Segue, abaixo, um exemplo de resposta dada por um aluno.

R.: “A arqueologia é um grupo de arqueólogos que estudam a pré-história os antepassados” (aluno da 9ª série).

Gráfico 1.1

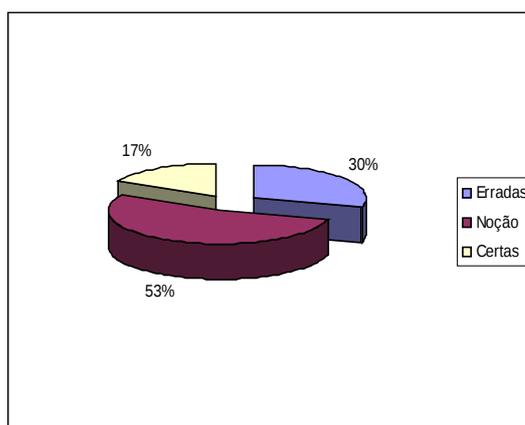


O que se percebe, no Gráfico 1.1, é uma nítida distorção de conceitos. Os alunos não conseguiam perceber a arqueologia enquanto ciência investigativa.

Nesse sentido, ter classificado as respostas dadas a esta primeira pergunta, em dois gráficos diferentes, facilitou bastante na hora de tentar sanar as dúvidas.

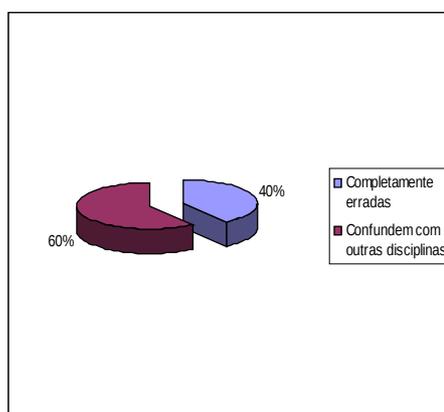
2. O que é sítio arqueológico?

Gráfico 2



Na pergunta “**O que é sítio arqueológico?**”, a distorção de conceitos se confirma, pois a maioria das respostas que tinham uma noção do que seriam os sítios, reportava àqueles sítios onde se encontravam os fósseis e os grandes tesouros. Em alguns poucos casos foi citado “casas antigas”, como por exemplo, a resposta de um aluno da 9ª série: “É onde é encontrado evidências dos antepassados”.

Gráfico 2.1



3. Qual é a relação da arqueologia com a história?

Gráfico 3

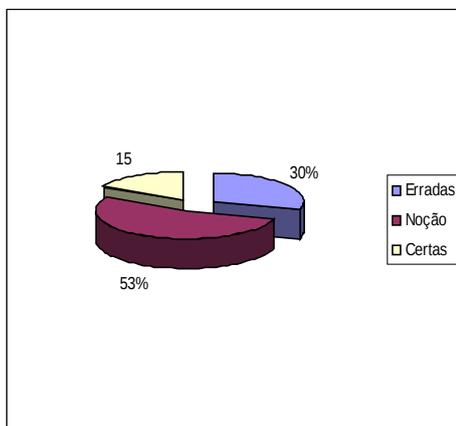
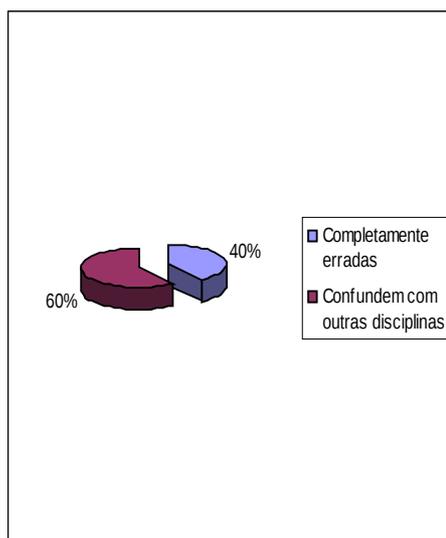


Gráfico 3.1



Essa questão, sem dúvida, foi a que mais gerou confusão nos alunos. Mas, ao mesmo tempo, para alguns foi esclarecedor. O fato de a maioria dos alunos

apostarem na história como uma disciplina que estuda o passado, fez com que alguns conseguissem entender a relação entre a história e a arqueologia. Contudo, os alunos não sabiam explicar até onde a história podia alcançar e em que ela era diferente da arqueologia enquanto disciplina. O fato de a arqueologia, não ser vista por eles, como uma disciplina, contribuiu para a confusão de conceitos. Exemplo: R.: “A relação entre os dois é que eles estudam a pré-história e os antepassados” (aluno 8ª série).

4. O que é patrimônio cultural?

Gráfico 4

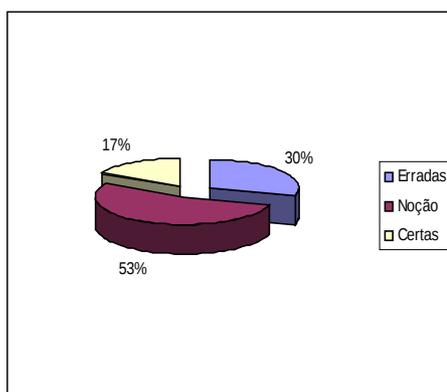
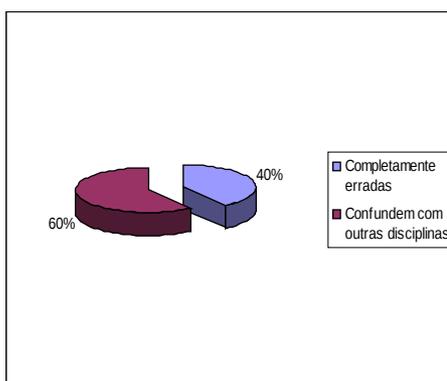


Gráfico 4.1



Nessa pergunta, ficou clara, por meio do que se propuseram a responder, alguma noção do que é a palavra “patrimônio”, que por sua vez estava explicitamente ligada ao indivíduo. A maioria dos questionários demonstrou que “patrimônio” era algo que pertencia a alguém, e essas respostas não foram

consideradas totalmente erradas. O que fiz foi partir da explicação do que é cultura, para depois falar em patrimônio cultural. Porém, dentre as respostas consideradas como totalmente erradas, de todas as perguntas feitas no questionário, essa questão foi a que gerou respostas mais destoantes, uma vez que alguns alunos compararam a palavra “patrimônio” a “matrimônio”.

5. O que você sabe sobre educação patrimonial?

Gráfico 5

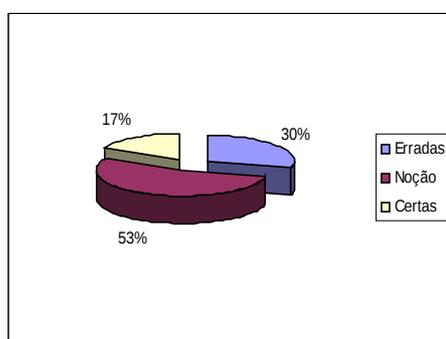
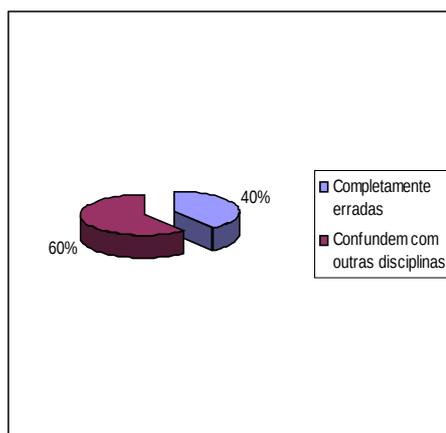


Gráfico 5.1



Quanto à pergunta final, dando seqüência às distorções de conceito, a maioria confundiu “educação patrimonial” com “educação ambiental”, e, inclusive, a algo que se remete à cultura popular. Os que foram assertivos em suas respostas buscaram copiar algo do *banner* apresentado antes das questões. Mas nem todos

perceberam que todos os conceitos estavam ali.

Enfim, no geral, as respostas vieram a confirmar a suspeita do quase total desconhecimento dos alunos em relação ao tema apresentado: mais de 500 adolescentes responderam às questões. Desse total, 30% não tinham nem noção do que era arqueologia, enquanto 45% tinham noção e 25% sabiam o que significava. No entanto, dos alunos que tinham noção, metade confundia a arqueologia com as ciências afins – dentre elas, paleontologia, história, geologia e antropologia. Além disso, acreditava, ainda, que o arqueólogo era um “caçador de tesouros”, o que não deixa de ter sentido – mas na concepção destes alunos, uma “Indiana Jones”, pois a mídia fomenta essa idéia romancista do trabalho do arqueólogo.

O questionário direcionou a palestra, mas devido o pouco tempo, tentei trabalhar com muitas imagens, em cima do que chamei de “Introdução ao Patrimônio Arqueológico”. As imagens serviram para “prender a atenção” dos ouvintes, pois explorei bastante o texto do *folder* e as imagens do *banner*. Assim, todos os conceitos discutidos, partiram das respostas dos questionários e, acompanhando sempre, uma apresentação de *powerpoint* elaborada para o trabalho, contendo desde os conceitos básicos às leis que regem o patrimônio arqueológico.

As palestras eram intensas e repletas de perguntas que, geralmente, ficavam sempre em torno de valores financeiros do patrimônio. As perguntas mais comuns eram relacionadas a indenizações para os proprietários das terras onde se localizam os sítios arqueológicos. Portanto, organizei na sala, uma pequena exposição de peças arqueológicas dos sítios do local e, ao final de cada palestra, permiti que alunos e professores manuseassem as peças: todos gostaram de contemplá-las.

Para finalizar, passei um documentário sobre a vida do “homem das cavernas”, o qual foi muito apreciado. Um guia de educação patrimonial e uma cópia do filme exibido foram deixados na escola.

O trabalho inicial foi realizado e o interessante seria vê-lo continuar como mais um subsídio da educação, após dois anos de aplicação deste projeto. Sinto que a semente foi plantada e gostaria de vê-la germinar como mais um subsídio da educação após dois anos de aplicação desse projeto. Para tanto, pretendo voltar na escola em questão, para aplicar novamente o questionário com os mesmos alunos, a fim de observar o quanto foi absorvido, por eles, dos conceitos desenvolvidos nas

palestras⁵ e nas oficinas.

O desenvolvimento do programa de educação patrimonial do AHE

SEFAC Catalão:

Ao contrário do projeto da linha de transmissão, em que escolhi a escola a ser contemplada pelas palestras educativas, no programa do AHE Serra do Facão, a empresa esteve envolvida em todo o processo de pesquisa, inclusive na escolha do público alvo. Importante destacar que neste programa do AHE, as empresas mantêm projetos de auxílio aos moradores impactados pelo empreendimento, dentre eles, o de educação ambiental.

A empresa, nesse sentido, criou grupos de estudo com professores, agricultores e alunos. O requisito básico para participar dos cursos ministrados pela empresa era ser morador da área onde estava sendo implantado o projeto AHE. Assim, foi solicitado que um desses grupos participasse da semana de educação patrimonial. Nesse sentido, pedi que os participantes a serem indicados fossem professores e, muito prontamente, fui atendida. Dessa forma, neste projeto, quem escolheu o grupo para a primeira semana de educação patrimonial, foi a empresa, na pessoa da bióloga Vanderleia Dartora, responsável pelo projeto.

As aulas iniciavam-se sempre às 8h30min com o grupo de professores que pertenciam às redes municipal e estadual de educação. Os encontros foram realizados na Escola Municipal Liberdade, em Campo Alegre. Por conseguinte, considerando que o grupo era formado por 21 professores, optei por palestras dinâmicas. No primeiro momento, apresentei o programa de educação patrimonial, bem como a empresa responsável pelo projeto. O grupo, a princípio, pareceu apático. À tarde, comecei com uma dinâmica de apresentação e interação, separando a turma em duplas. Estas deviam entrevistar o colega e, em seguida, apresentá-lo à turma em forma de discurso. A finalidade da dinâmica, não era só a interação entre a turma e a professora, mas acima de tudo, aliviar um pouco a densidade do tema tão novo e tão teórico que estava sendo apresentado.

O primeiro tema, por conseguinte, foi o surgimento do homem ereto na terra. Diante das expressões dos alunos, percebi que havia dificuldades em compreender o conteúdo. A partir disso, senti a necessidade de usar uma brincadeira educativa.

Devido à grandiosidade do empreendimento e do impacto do mesmo na comunidade local, alguns membros do grupo esperavam não só um curso de educação patrimonial e arqueologia, mas também informações simples sobre os efeitos do empreendimento na comunidade. E então, surgiram perguntas práticas logo no primeiro dia de encontro. As perguntas eram desde as indenizações até questões burocráticas. Por essa razão, foi de grande valia o curso ter sido acompanhado por Vanderléia Dartora, bióloga e funcionária da empresa responsável pelo acompanhamento das pesquisas arqueológicas, visto que ela estava mais apta para responder a essas indagações.

Inicialmente, essas perguntas tornaram-se um empecilho para o segmento das aulas, mas, por fim, acabaram contribuindo como mais um suporte entre a antigüidade que os sítios pré-históricos apresentam e a realidade e o futuro das áreas mais afetadas (no caso, as regiões que serão alagadas).

Trabalhei, então, nas aulas seguintes, a necessidade da preservação dos sítios arqueológicos e da história local, fechando o dia com a exibição do documentário “O homem das cavernas”. O grupo avaliou que o filme, complementou a aula teórica. As perguntas mais freqüentes passaram a se referir ao trabalho do arqueólogo em si e a visão romântica do arqueólogo como “caçador de tesouro”, visão esta que povoava a mente da maioria dos alunos.

Para encerrar, solicitei que escrevessem um texto a partir da seguinte proposta: “Produza um texto relacionando os temas discutidos com o filme apresentado”. Pelos textos que foram escritos, percebi que eles absorveram o conteúdo com facilidade, pois os textos ficaram muito bem elaborados e com embasamento teórico.

No segundo dia de aula, foram abordados o povoamento da América e o povoamento da América brasileira, ambos os temas muito densos. Trabalhei com muitas imagens, no intuito de amenizar a complexidade dos conceitos, dividindo o trabalho em dois momentos: o primeiro sobre o povoamento norte-americano e, o segundo momento, sobre as outras Américas (sul e central).

Em seguida, foram exibidos dois documentários. O primeiro falava da construção da hidrelétrica em Serra da Mesa. Escolhi esse documentário porque ele não só ressalta a importância da preservação dos sítios arqueológicos nas áreas de impacto da obra, como também fala de todo o processo que envolve

empreendimentos desta natureza, desde a coleta de espécies nativas à criação de mapas e códigos. Então, nesse momento, o documentário acabou suprindo também dúvidas deste nível, mas também levantou várias dúvidas sobre o empreendimento em questão (AHE Serra do Facão). Mais uma vez, a presença da representante da empresa foi de grande valia. As idas e vindas neste tema e nos impactos do empreendimento na região, me fez perceber que esse momento de interação entre os dados de pesquisa e a comunidade precisa ser mais recorrente, até porque não se podem separar as descobertas dos sítios arqueológicos do empreendimento que gerou os mesmos.

No segundo momento do dia, portanto, apresentei o documentário “O homem da América”, que aborda as pesquisas que estão sendo realizadas pela doutora em arqueologia, Nied Guidon, no Piauí, local onde várias descobertas questionam a teoria da data de povoamento das Américas. Nesse documentário, os professores puderam ver o trabalho de campo de um arqueólogo, os tipos de escavações arqueológicas, e, acima de tudo, puderam perceber a importância das pesquisas arqueológicas para a compreensão da história cultural e evolutiva do homem. As palavras mais ditas durante todo curso foram “patrimônio arqueológico e cultural, e preservação e educação”.

Enceramos o dia com outro texto reflexivo, abordando o tema discutido e o filme. Assim, os textos foram construídos pelos cursistas respondendo à pergunta: “De acordo com o que foi abordado na aula de hoje, quais foram os fatores que levaram o homem a migrar para a América?”.

Nesse dia, propus para que cada um trouxesse de casa um objeto que por alguma razão lhe era especial e fazia parte da história de sua vida (isso seguindo a proposta sugerida pelo guia de educação patrimonial editado pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). O propósito da dinâmica não era só introduzir as leis patrimoniais, mas também levá-los a perceber que as palavras “preservação” e “pertencimento” tinham que andar juntos, pois ninguém preserva algo que não considera como seu, ou como parte de si mesmo.

No terceiro dia de aula trabalhei o tema “O patrimônio arqueológico e a sua importância para a compreensão da história”. Desde o início do curso, meu principal desafio era o pouco tempo que tinha para trabalhar conceitos tão densos e, por isso, procurei conciliar esses conceitos às atividades que seriam propostas (como filmes e

documentários que contribuem para uma melhor absorção dos temas trabalhados). Então, a preocupação principal era a de que os educadores saíssem do curso com conceitos claros, em especial, sobre o conceito de “patrimônio arqueológico e cultural”, e, sobretudo, que durante a semana conseguíssemos trabalhar juntos, formas de se ensinar esses mesmos conceitos em sala de aula. Assim, toda a dinâmica que trabalhei com eles foi pensando em seus alunos, e sempre levantei questionamentos de como eles poderiam trabalhar em sala de aula. Deixei bem evidente, desde o primeiro dia, que o curso era introdutório e que os conceitos que eu trabalharia seriam apenas alguns, de muitos. Percebi, porém, que uma semana também era pouca para essa atividade. Comparando essa atividade com as palestras educativas do outro projeto, me dei conta de que se as semanas estavam sendo denominadas de “introdutória”, as palestras deveriam ser consideradas como “informativas”, visto que é o máximo que qualquer gestor vai conseguir em duas ou três palestras, em si tratando de um assunto tão novo no meio social, que é o “patrimônio arqueológico”.

Dessa forma, seguimos a aula falando dos objetos que eles haviam levado ao curso. Todos levaram algo que representava uma passagem de suas vidas. Eu não imaginava que a dinâmica tomasse uma proporção tão grande, educativa e até mesmo íntima. A proposta da dinâmica era compartilhar, interagir e explorar o conceito de pertencimento e sua importância para a preservação dos sítios arqueológicos. Mas, nesse dia, inverteu-se a ordem, porque comecei com a prática, depois falei da teoria e os resultados foram muito positivos. Trabalhamos em círculo, no intuito de poder nos perceber nos olhares de cada um que apresentava seu objeto e a história do mesmo. Depois, pensamos e discutimos junto, o porquê da existência desse objeto e o que lhe fazia particularmente especial.

Com base nisso, falei de memórias coletivas e individuais, e da importância da preservação da mesma. Percebi, nessa aula, que os conceitos estavam ficando claros para eles. Em seguida, fizemos uma pausa para recompor e, em seguida, discutimos as teorias e as leis que protegem o patrimônio arqueológico (preservação, pertencimento, tipos de patrimônio e o papel do educador nesse contexto).

Encerrei o dia com o documentário “A arqueologia vai à escola”, produzido pela doutora em arqueologia, Márcia Bezerra, no qual ela apresenta sua tese de

doutorado, sobre arqueologia na escola. Foi uma das aulas mais dinâmicas que ministrei durante a semana e, ficou visível ainda, que após a dinâmica – denominada por “descobrimo o patrimônio” - a turma mostrou-se mais ativa e as discussões tornaram-se mais densas e coesas.

Durante toda a semana, o dia mais esperado era o da visita de campo. Assim, trabalhei com eles sempre a partir da perspectiva de que, no dia da vivência arqueológica, eles chegassem os mais observadores possíveis, pois o desafio era, em três dias, não só introduzi-los na linguagem técnica do arqueólogo, mas também apresentá-los aos instrumentos e às perspectivas com as quais um arqueólogo vai a campo, para que quando chegassem ao sítio, conseguissem absorver as múltiplas informações, e, acima de tudo, que conseguissem “dialogar” com o sítio arqueológico e “tirar”, do arqueólogo que os acompanhavam, o máximo de informação possível. Daí, após serem “fechadas” as aulas do dia, foi aberto espaço para que perguntassem sobre a visita do dia seguinte, e, em seguida, fiz as recomendações devidas para a visita de campo que aconteceria no dia 11 de dezembro de 2008.

Finalmente chegou o dia mais esperado pelo grupo - o dia de visita ao sítio arqueológico. Em geral, nossas aulas começavam entre as 8h e 8h30min da manhã, mas, nesse dia, devido à distância do sítio que iríamos visitar, marcamos às 7h15min da manhã. Infelizmente, algumas pessoas não foram, e de um grupo de 21 pessoas, estavam presentes somente 17. Mas, com o mesmo entusiasmo, a pesquisadora em arqueologia, Cristiane Loriza Dantas, seguiu em frente com um pesquisador e um trabalhador ajudante.

Quando chegamos ao sítio arqueológico, as estacas estavam no lugar e uma sondagem já estava marcada. O sítio visitado foi o CT 44, na fazenda Forquilha, de propriedade do senhor Manuel. A fazenda será totalmente alagada pela barragem da hidrelétrica e, por essa razão, aquele momento tornou-se mais especial para aquele grupo, porque alguns deles já conheciam a propriedade e desconheciam o fato de que a mesma seria alagada.

A vivência começou com a explicação dos instrumentos usados pelo arqueólogo em campo: a bússola, as estacas, a trena ou o metro e o GPS. Depois eles foram assistir à abertura da sondagem, centímetro por centímetro: os fragmentos de cerâmica foram aparecendo, o que proporcionou um maior

entusiasmo na turma. Passar a terra da sondagem e encontrar os fragmentos, para alguns membros do grupo, foi a maior emoção.

Em seguida, o grupo seguiu para o sítio histórico Pucena. Nesse sítio, observamos a estrutura de um forno do século XX, na sede da fazenda de estrutura colonial. Toda a visita foi acompanhada pela TV Pirapetinga, de Catalão-GO. Depois da visita ao forno, seguimos até o rio São Marcos, no ponto onde funcionava o Porto João Pucena. Lá, pudemos observar a estrutura do lugar onde, segundo depoimentos, seria a residência do senhor João Pucena – um dos pioneiros catalanos e responsável pelo porto que era o único meio de escoação da produção local.

A visita foi rica e proveitosa para o grupo e, os relatórios escritos por eles, indicam que a visita de campo foi um complemento a toda semana teórica. É possível observar a visão do grupo, por meio das palavras de uma das participantes, a cursista Rosimeire: “Agora nunca mais verei uma pedra com os mesmos olhos”. Encerramos o dia almoçando juntos e, como forma de reflexão e avaliação da visita a campo e do curso em si, pedi um relatório geral do que havia sido absorvido pela turma.

Em nosso último encontro, duas oficinas que haviam sido programadas, foram executadas no intuito de acrescentar mais conhecimento prático às teorias apresentadas. Pela manhã, foi dada a oficina de lascamento em pedras, ministrada por Loriza, em dois diferentes momentos: um teórico, com muitas imagens e alguns conceitos complementares; e outro prático, em que ela lascou vários tipos de pedra para que o grupo pudesse acompanhar.

À tarde foi a vez da oficina de cerâmica, ministrada por mim, em três momentos. No primeiro, teorizei com imagens e conceitos de técnicas de rolete, incisões, entre outras. No segundo momento, apresentei um documentário produzido pelo Dr. Paulo Jobim e pela Dra. Sibeli Aparecida Viana, gravado no projeto do rio Manso. O documentário ressalta o jeito de ser e de se fazer a cerâmica, que tem como título “Mãos de Antera”. A cerâmica é feita por dona Antera, de forma tradicional e com a técnica de rolete. Já no terceiro momento, convidei o grupo para praticar o que haviam visto: divertiram-se fabricando, manualmente, panelas e pratos de cerâmica. E assim, fechamos o dia e a semana com uma avaliação oral. Pedi que resumissem em uma frase o que tinham aprendido durante

o curso. Pela singularidade das muitas frases ditas, foi possível observar o aproveitamento do grupo, que vai ao encontro e complementa os dados contidos nos relatórios escritos por eles.

Ressalto, que nos dois projetos de educação patrimonial apresentados neste trabalho, o desejo era mútuo de interagir as comunidades impactadas pelos dois empreendimentos em questão. Por meio da validação do trabalho do arqueólogo e da importância da preservação dos sítios arqueológicos encontrados em cada uma das comunidades, cada uma à sua maneira, demonstrou o mínimo de absorção das informações que foram transmitidas.

Ficou evidente ainda, que no caso da linha de transmissão, um dos principais obstáculos foi o pouco tempo dispensado a cada grupo. Acredito que poderia ter sido mais eficiente, se houvesse um trabalho de no mínimo uma semana com cada grupo em que as palestras foram ministradas. Merece destaque também a utilização do lúdico que ajudou muito no primeiro momento, pois foi o elo entre a arqueologia e a história local. Principalmente no caso da linha de transmissão que, além do pouco tempo, faltava também infra-estrutura nas escolas onde aconteceram as palestras.

O espaço era pequeno e o calor deixava os alunos agitados. Assim, o lúdico e o conto de mitos foram essenciais para a introdução da temática da arqueologia, que não era algo muito comum para a maioria. Na SEFAC, a semana de educação patrimonial foi muito rica. O maior tempo de duração das ações gerou cumplicidade entre o grupo e a gestora patrimonial e, por fim, com o tema em questão. O tempo mais prolongado com o grupo fez com que as palestras explicativas se tornassem um curso de introdução ao patrimônio arqueológico. Por conseguinte, o grupo pôde “viajar” pela história da evolução humana, por meio dos vestígios arqueológicos.

Neste caso, contudo, o único obstáculo encontrado foi a resistência de alguns membros do grupo em perceber que arqueologia era muito mais do que “caça aos tesouros”. Outra vez a visão romântica ficou explícita no comportamento dos alunos: o despertar do interesse nasceu com as dinâmicas e conceitos aplicados durante a semana de educação patrimonial. Vale ressaltar que nesse grupo todos eram adultos, com conceitos já arraigados e, por isso, o tempo maior de duração do curso e vivência nas oficinas aplicadas de cerâmica e lítico foram fundamentais para a compreensão dos conceitos discutidos durante a semana.

Em suma, avaliar, para um educador, é descrever o processo que ele

percorreu e apontar qual dos métodos aplicados (Projeto linha de transmissão; Projeto AHE Serra do Facão) foi o mais eficiente? Não. Acredito que os dois sejam tomados como “eficientes”, uma vez que cada qual em seu contexto, e, sobretudo, com o seu público, absorveram os conceitos acerca da educação patrimonial e preservação.

Considerações finais

A vivência, base da educação “primitiva”, é citada por grandes antropólogos e arqueólogos como Geertz (2003) em *A interpretação das culturas*, Halbwachs (2004) em *Memória coletiva*, Bahn (1993) em *Arqueologia* e Trigger (2004) em *Teoria do pensamento arqueológico*. Nesses livros, os autores abordam a importância da continuidade e o viver na evolução social e cultural do homem.

Portanto, fiz-me valer desses autores, porque a educação patrimonial, assim como tudo que envolve a relação homem e meio social, precisa se tornar algo contínuo, não só no meio escolar, mas em todos os meios em que existem as relações sociais. Assim como a educação ambiental, a educação patrimonial, bem aplicada e de forma contínua, cumprirá o papel para qual a mesma foi criada. Segundo Horta (1999, p. 12) e Bezerra (2000, p.19),

“A educação patrimonial deve cumprir o papel de instrumentalizadora social, capaz de transformar o cidadão em guardião da cultura e de seu patrimônio, que tanto tem a acrescentar à sua memória, ressaltando a importância dessa continuidade no que diz respeito à educação patrimonial e o patrimônio arqueológico”.

Em síntese, ao começar a desenvolver esse projeto, foi possível perceber o tamanho da “lacuna” existente no meio educacional e social, no que diz respeito a patrimônio e em particular ao patrimônio arqueológico. Ficou evidente que o principal inimigo do patrimônio é a falta de conhecimento a respeito do mesmo. Assim, afirmar que as pessoas que participaram dos projetos supracitados, até o momento, tornaram-se totalmente conscientes de seu papel no processo de preservação do

patrimônio arqueológico, seria um tanto forçoso.

Entretanto, podemos perceber o interesse dos mesmos em querer saber mais e, sobretudo, de perceberem, pelo menos em parte, a sua responsabilidade nesse processo. Afirmar qual das duas formas aplicadas está sendo mais eficaz ainda não é possível, pois um dos projetos ainda está em andamento. O que ficou evidenciado foi que cada metodologia e atividade aplicada cumpriram, em certa medida, o seu papel. A avaliação final só será possível após o desenvolvimento de todo o projeto que ainda está sujeito a mudanças. Concluindo, esse projeto será reavaliado dentro de dois anos com o objetivo de verificar o nível de compreensão e os avanços na produção de um novo campo de significados simbólicos entorno da arqueologia e educação patrimonial como realidades presentes no cotidiano das comunidades envolvidas.

ANEXO B – Fotos

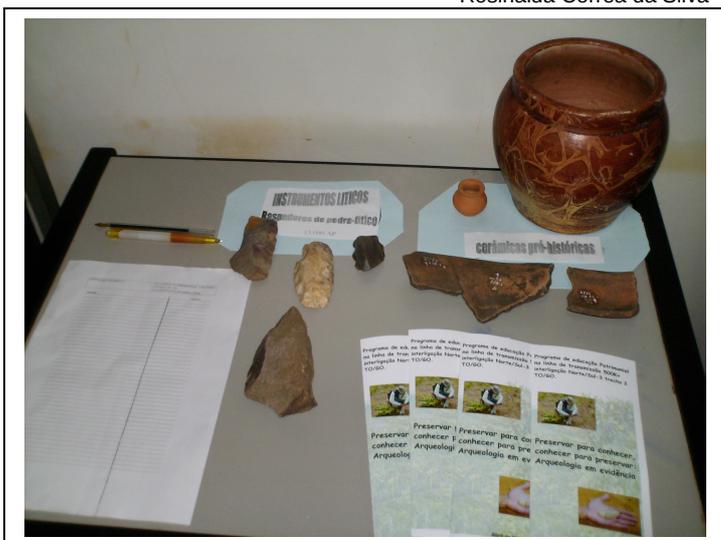
1. Projeto linha de transmissão

Adailton



Contando histórias, colégio de Palmeirópolis

Rosinalda Corrêa da Silva



A pequena exposição, colégio de Palmeirópolis

Adailton



Apresentando o banner

Adailton



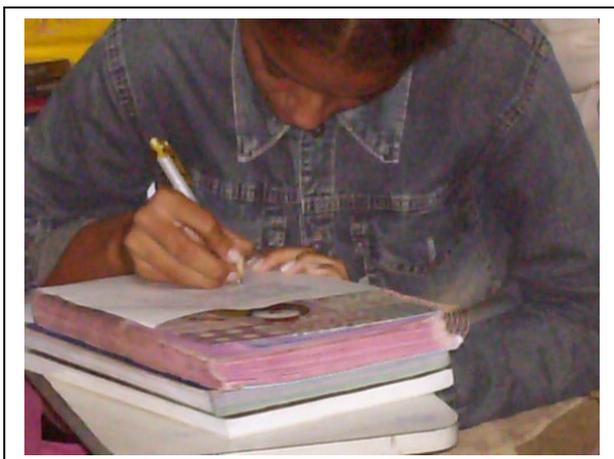
A história continua – colégio de Palmeirópolis

Adailton



A palestra, colégio de Palmeirópolis

Adailton



Respondendo ao questionário

Adailton



Manuseando as peças

Adailton



A palestra segue...

2. O Projeto do AHE Serra do Facão

Vanderlea Dartora



Apresentando a proposta, Colégio Estadual de Campo Alegre.

Vanderlea Dartora



As alunas

Vanderlea Dartora



Parte da turma

Rosinalda Corrêa Silva



Dinâmica: Memória e Patrimônio

Rosinalda Corrêa Silva



Dinâmica: Memória e Patrimônio

Vanderlea Dartora



Oficina de campo

Rosinalda Corrêa Silva



Viagem ao sítio arqueológico

Rosinalda Corrêa Silva



Viagem ao sítio arqueológico Forquilha

Vanderlea Dartora



Buscando vestígios...

Rosinalda Corrêa Silva



Visita ao sítio histórico

Rosinalda Corrêa Silva



Oficina de lascamento

Rosinalda Corrêa Silva



Oficina de cerâmica

Rosinalda Corrêa Silva



Oficina de cerâmica

Rosinalda Corrêa Silva



Oficina de cerâmica

Rosinalda Corrêa Silva



Oficina de cerâmica

Vanderlea Dartora



Avaliação Final

ANEXO C – Relatórios finais dos professores